

Anderson da Silva Rodrigues

EU, TU E NÓS: AMBIVALÊNCIAS DA VIVÊNCIA RELIGIOSA NA
FRATERNIDADE TOCA DE ASSIS EM LONDRINA/PR.

FFC/ UNESP

Marília, 2020

Anderson da Silva Rodrigues

EU, TU E NÓS: AMBIVALÊNCIAS DA VIVÊNCIA RELIGIOSA NA
FRATERNIDADE TOCA DE ASSIS EM LONDRINA/PR.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Faculdade de Filosofia e Ciências, da Universidade Estadual Paulista – UNESP – Campus de Marília, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Ciências Sociais.

Orientador: Prof. Dr. Antônio Mendes da Costa Braga

FFC/ UNESP

Marília, 2020

R696e Rodrigues, Anderson da Silva
 EU, TU E NÓS: : AMBIVALÊNCIAS DA VIVÊNCIA
 RELIGIOSA NA FRATERNIDADE TOCA DE ASSIS EM
 LONDRINA/PR. / Anderson da Silva Rodrigues. -- Marília,
 2020
 93 p. : il., tabs., fotos

 Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista
 (Unesp), Faculdade de Filosofia e Ciências, Marília
 Orientador: Antônio Mendes da Costa Braga

 1. Catolicismo. 2. Juventude em Vida Religiosa. 3.
 Etnografia. 4. Novas Comunidades. I. Título.

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Biblioteca da
Faculdade de Filosofia e Ciências, Marília. Dados fornecidos pelo autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.

Anderson da Silva Rodrigues

**EU, TU E NÓS: AMBIVALÊNCIAS DA VIVÊNCIA RELIGIOSA NA
FRATERNIDADE TOCA DE ASSIS EM LONDRINA/PR.**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Faculdade de Filosofia e Ciências, da Universidade Estadual Paulista – UNESP – Campus de Marília, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Ciências Sociais.

Linha de pesquisa: Cultura, Identidade e Memória

BANCA EXAMINADORA:

Orientador. Prof. Dr. Antônio Mendes da Costa Braga
Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”
Faculdade de Filosofia e Ciências, Campus de Marília

Prof. Dr. José Geraldo Alberto Bertoncini Poker
Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”
Faculdade de Filosofia e Ciências, Campus de Marília

Prof. Dr. Luiz Ernesto Guimarães
Universidade do Estado de Minas Gerais

Marília, 18 de dezembro de 2020

AGRADECIMENTOS

Dedico essa dissertação à minha mãe, Vera Lúcia da Silva Rodrigues e a todos meus familiares, em especial meus tios Maria de Lourdes Batista, Vicente Batista, Paulo da Silva e Suzete Venâncio, que me acolheram em Marília durante minha formação.

Agradeço ao Professor Doutor Antônio Mendes da Costa Braga, que me orientou durante o desenvolvimento desta pesquisa. Professor, obrigado por todo ensinamento, paciência e parceria durante este percurso.

À Professora Doutora Maria Valéria e ao Professor Doutor José Geraldo Alberto Bertoncini Poker, pelos conselhos, apoio e carinho durante minha trajetória na Unesp.

Não posso esquecer das minhas amigas e meus amigos que tornaram mais leve este período, agradeço imensamente Beatriz Medeiros, Caroline Navarro, Daniela Lira, Fabiana Soares, Gabriel Silva, Juliana Colevati, Larissa Lopes Marcela Schiavon, Mariana Boen, Marília Machado, Mônica Reis, Natalia Zuliani, Thiago Folgueiral. Aos meus companheiros de linha de pesquisa Andreia Sartorelli, Juliana Morgani, Luiz Pereira, Alessandro Mariano, Micheli Mariano e Leonardo Cruz. E aqueles que mesmo distantes me apoiaram e incentivaram, como Beatriz Oliveira, Bruna Souza, Kesley Priscila, Thales Freitas e Victória Druzian.

Retribuo aqui todo o carinho, acolhida e cooperação dos jovens da Toca de Assis durante a pesquisa. Em especial ao Irmão Simplício, uma das vítimas do COVID-19 em 2020.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001

RESUMO:

Esta dissertação tem como objeto de estudo o movimento católico Toca de Assis que tem como carismas a adoração ao Santíssimo Sacramento e o cuidado com as pessoas em situação de rua. Baseado em trabalho etnográfico, este texto tem por objetivo refletir o processo de conversão dos jovens que se consagram à comunidade Toca de Assis. A pesquisa foi realizada no Instituto Irmãos da Pobreza e do Santíssimo Sacramento em Londrina/ PR. Este trabalho foca em duas questões: 1. os interesses individuais que levam esses jovens a buscarem a Toca de Assis; 2. o processo de tornar-se toqueiro, por meio de constantes rituais e condutas que levam ao que eles próprios denominam de um “rebaixamento de si”. A pesquisa também se propõe a compreender e tencionar a noção de comunidade e individualidade presente no Instituto. Com a pesquisa foi possível concluir que ao mesmo tempo que a Toca de Assis sugere uma experiência de vida religiosa fraterna e comunitária, na vida cotidiana do instituto os jovens adotam estratégia para conservar hábitos e características que possuíam antes de sua conversão, reforçando sua individualidade, em consonância vivência proposta pelo movimento.

PALAVRAS-CHAVE: Catolicismo, Juventude em Vida Religiosa, Etnografia, Novas Comunidades

ABSTRACT:

This dissertation has as its object of study the Catholic movement Toca de Assis, whose charisms are the adoration of the Blessed Sacrament and the care for people on the streets. Based on ethnographic work, this text aims to reflect the conversion process of young people who consecrate themselves to the Toca de Assis community. The research was carried out at the Irmãos da Pobreza and Santíssimo Sacramento Institute in Londrina / PR. This work focuses on two issues: 1. the individual interests that lead these young people to seek Toca de Assis; 2. the process of becoming a tooker, through constant rituals and behaviors that lead to what they themselves call a “demotion of oneself”. The research also aims to understand and intend the notion of community and individuality present in the Institute. With the research it was possible to conclude that at the same time that Toca de Assis suggests an experience of fraternal and community religious life, in the daily life of the institute, young people adopt a strategy to preserve habits and characteristics that they had before their conversion, reinforcing their individuality, in line with the experience proposed by the movement.

KEYWORDS: Catholicism, Youth in Religious Life, Ethnography, New Communities

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 01	Distribuição geográfica da Toca de Assis.....	27
Figura 02	Torre eucarística/ Sertanópolis-PR.....	29
Figura 03	Layout da página inicial do movimento.....	34
Figura 04	Perfil no instagram da Toca de Assis.....	38
Figura 05	Perfil no instagram dos Filhos da Pobreza e do Santíssimo Sacramento.....	38
Figura 06	Perfil no instagram das Filhas da Pobreza e do Santíssimo Sacramento.....	39
Figura 07	Planta do Instituto.....	46
Figura 08	Presbitério no pátio interno.....	48
Figura 09	Refeitório.....	51
Figura 10	Pátio.....	52
Figura 11	Capela.....	54
Figura 12	Clausura.....	56
Figura 13	Desenhos na lousa da sala de estar.....	57
Figura 14	Venda de pães.....	61
Figura 15	Divulgação do evento "costela fogo de chão".....	62
Figura 16	Festa Junina.....	64
Figura 17	Natal com os Pobres.....	65
Figura 18	Pastoral de Rua.....	66
Figura 19	Requisitos para ingresso.....	74
Figura 20	Toqueiro decorando a quadra de esportes.....	79
Figura 21	Jovem toqueiro sobre a tabela de basquete.....	80
Figura 22	Quadra de esporte decorada.....	80

LISTA DE TABELAS

Tabela 1	Distribuição geográfica da Toca de Assis.....	28
Tabela 2	Trajes típicos dos Filhos da Pobreza referentes a cada etapa de formação.....	31

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	09
1. A TOCA DE ASSIS	22
1.1 Franciscanismo primitivo	22
1.2 A Toca de Assis	27
1.3 Toca de Assis e burocratização: uma tendência possível?	34
2. IRMÃOS DA POBREZA E DO SANTÍSSIMO SACRAMENTO- RECANTO SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS	44
2.1 Espacialidade e temporalidade toqueira	45
2.2 Formas de sustentabilidade e manutenção da casa	59
2.3 Principais eventos do Instituto	63
2.4 Modelos de tempo e espaço na Toca de Assis	67
3. OS TOQUEIROS.....	71
3.1 Tornar-se toqueiro.....	71
3.1.1 O início de tudo: a vocação.....	71
3.1.2 Processo de adesão.....	72
3.1.3 Formação.....	75
3.2 Comunidade idealizada	76
3.3 Sobre as diversidades internas.....	78
3.4 Os conflitos genuinamente harmoniosos.....	83
CONSIDERAÇÕES FINAIS	89
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	90

INTRODUÇÃO

O primeiro contato estabelecido com a Toca de Assis de Londrina ocorreu ainda durante o curso de graduação em Ciências Sociais, para sua conclusão. A pesquisa foi realizada entre os anos de 2015 e 2017 e foi desenvolvida no Instituto "Recanto Coração de Jesus- Filhos da Pobreza", uma casa masculina do movimento católico Toca de Assis na cidade de Londrina-Paraná.

Para além dos aspectos pragmáticos que envolveram a escolha do campo de pesquisa, o Instituto Recanto Coração de Jesus- Filhos da Pobreza, se apresentou como um contexto rico e com muitas potencialidades para a investigação, já que na época ela era a única casa formativa. Logo, os primeiros anos de quem aderisse ao movimento eram passados ali. Com essas características, foi visto no Instituto um enorme potencial para se pensar as motivações dos jovens para se consagrarem ao movimento.

O objetivo central da monografia era norteado por duas questões: I- O que poderia significar hoje uma experiência religiosa que propõe um "retorno" à uma espiritualidade cuja origem se deu na Idade Média? II- Por que jovens se sentem atraídos por uma experiência religiosa como esta da Toca de Assis?

Tais questões foram motivadas ao constatar, após pesquisa de campo e levantamento bibliográfico, que um dos fundamentos da experiência religiosa toqueira é a ideia renúncia e ruptura com o mundo, e uma valorização e resgate de uma mística espiritual advinda com o franciscanismo primitivo. Por conseguinte, foi possível compreender por meio da pesquisa a historicidade da Toca de Assis e como ela se constitui e qual é sua atuação no campo do catolicismo brasileiro. Ou seja, qual é o lugar que uma experiência religiosa que postula um retorno à uma espiritualidade do franciscanismo primitivo ocupa na contemporaneidade, e quais ajustes, continuidade e rupturas poderiam haver neste processo.

Durante a monografia, à luz de Berger (2001), foi possível constatar que a experiência religiosa oferecida pela Toca de Assis se sustenta, na realidade, em uma combinação entre Tradição e Modernidade. Logo, apesar de tais termos serem muitas vezes tratados como opostos, eles são desenvolvidos de forma sincrônica na espiritualidade toqueira. Desta forma, apesar do movimento fundamentar sua narrativa propondo uma vivência religiosa em ruptura com o mundo inspirado no franciscanismo primitivo, a Toca de Assis pode ser interpretada como um fruto deste tempo, estando inteiramente ligado à contemporaneidade. Com isso, em diálogo com Bauman (2005), Carranza (2009) Cecília Mariz (2003) e Portella (2009, 2011), é possível estabelecer uma segunda conclusão: os jovens que buscam a Toca de

Assis, veem o movimento religioso como uma matriz identitária estável em meio às incertezas e fluidez da atualidade (RODRIGUES, 2017).

Durante o desenvolvimento da pesquisa, a socióloga Silvia Regina Alves Fernandes, propôs uma questão importante para os desdobramentos desta investigação. Apresentando alguns debates sociológicos acerca de ambientes institucionalizados e privação de liberdade de jovens e adolescente, a pesquisadora apontou que estes contextos são fortemente institucionalizados e disciplinares, e que a premissa que envolve tal circunstância é a de diluição de uma identidade e personalidade das pessoas ali inseridas. Fernandes também argumentou que, mesmo nestes contextos os jovens pensavam em estratégias de diferenciação e conservação de sua personalidade, e buscavam mecanismos para viabilizar tal empreitada. Elementos que poderiam passar despercebidos para alguns, na verdade, era utilizado pelos jovens como receptáculo de sua memória e trajetória de vida. Desta forma, elementos como fotografias, tatuagens, pulseiras eram tomados pelos adolescentes com tal finalidade. Com a provocação realizada pela pesquisadora, tal fenômeno também passou a ser alvo de investigação da pesquisa.

A partir das questões e hipóteses fomentadas por este processo, foi possível observar que ao mesmo tempo em que os toqueiros se consagram à Toca de Assis motivados por interesses pessoais, durante seu processo de consagração ocorrem diferentes técnicas que eles se referem como “humilhação de si” e “práticas de sacrifício” com o objetivo de “diluir sua personalidade”.

Desta forma, em um primeiro momento pode-se afirmar que uma das principais características da identidade toqueira é ela ser uma reconstrução de uma identidade pessoal, que paradoxalmente é, simultaneamente uniforme e homogênea. A pesquisa de campo revelava que ao mesmo tempo, dentro de uma uniformidade é possível observar uma pluralidade, fundada e expressada sobretudo na origem destes jovens e suas personalidades.

Por conta disso, a pesquisa realizada durante o mestrado propôs-se a refletir e tencionar o processo de conversão e consagração dos jovens à Toca de Assis observando uma relação ambígua entre a experiência proposta pelo Instituto e aquelas que são experimentadas pelos toqueiros em suas práticas cotidianas dentro da Instituição. Desta forma, buscando compreender e tencionar a noção de comunidade e individualidade presente na Toca de Assis a pesquisa também busca compreender como os toqueiros concebem a si próprios, como indivíduos.

Bauman (2003) aponta que durante muito tempo, acreditou-se que com advento da modernidade, haveria uma diluição dos laços comunitários, na medida em que o individualismo

acentuava-se. Hoje, na Toca de Assis parece ocorrer um movimento inverso, seria justamente pela busca de uma satisfação pessoal, motivada por interesses pessoais e subjetivos que os jovens passam a fazer parte do movimento que lhes oferece uma experiência religiosa que aparentemente desencadeia uma diluição de sua individualidade.

Ao pensar a *Comunidade* na modernidade, Bauman (2003), em seu livro "*Comunidade: a busca por segurança no mundo atual*", já sinalizava que o senso comum reproduz uma imagem ideal de comunidade, já que acredita e dissemina uma narrativa que a retrata como um espaço isento de contradições e conflitos e, também, um ponto referencial, forte seguro e imune às incertezas de sua época, na medida em que se posiciona distante das contradições e perigo do mundo externo. Outro aspecto de uma comunidade idealizada diz respeito ao seu interior e às pessoas que por ela são acolhidas: só se abrigam os semelhantes, os iguais.

Porém, o autor coloca que, justamente por esta comunidade ser construída de forma ideal, logo, se trata de uma comunidade imaginária. As comunidades reais seriam perpassadas por inúmeros conflitos entre seus membros e em relação à própria estrutura. Por sua vez, tais conflitos, podem revelar, em sua essência, a tensão entre alguns dos ideais mais valorizados atualmente: a ideia de liberdade e de segurança.

Bauman não considera esses conceitos como excludentes, chegando a dizer que se pode buscar um equilíbrio, ajuste entre eles, porém este equilíbrio seria uma busca contínua e inalcançável, pois sempre haverá o atrito entre essas duas ideias. Esse atrito, e a insatisfação que ele desencadeia nas pessoas, seria o que impulsionaria o surgimento de alternativas ou novos modelos comunitários (BAUMAN, 2003; p.11).

O cenário descrito acima pelo teórico aproxima-se do cenário que foi observado na pesquisa: a Toca de Assis ao mesmo tempo que nasce de uma individualidade de seus membros, busca proporcioná-los e estimular projetos de vida coletivos e comunitários, que leva à uma relação tensa, mas, simultaneamente complementar. Desta forma, como já dito anteriormente, a expectativa é que por meio da discussão de Comunidade X Individualidade; Memória Coletiva X Memória Individual, etc, seja possível observar pontos de conflitos e consonância no interior casa de Londrina do movimento Toca de Assis.

Para concretização da pesquisa foram adotadas sobretudo três técnicas de pesquisa: 1. *Trabalho de Campo*; 2. *Fotografia*; e 3. *Entrevistas Semiestruturadas*. Que serão descritas a seguir:

METODOLOGIA

Uma das formas de inserção na realidade toqueira foi por meio de um esforço em se inserir na rotina da casa, ajudando os jovens em suas tarefas diárias, sejam elas religiosas ou domésticas, participando assim da cotidianidade do Instituto. Logo, e para além de apenas me inserir na realidade toqueira, foi buscado contribuir e ajudar nas atividades diárias, ou em tarefas pontuais que poderiam surgir durante a visita. É interessante mencionar que a estratégia adotada foi eficiente, na medida em que reforçou laços e naturalizou minha inserção no campo de pesquisa. Com isso, a intenção não era passar despercebido, mas sim, experimentar com os devidos limites sua experiência religiosa. Ademais, tais momentos se mostraram vantajosos na medida em que se convertiam em situações de trocas de informações, onde de forma espontânea os jovens falavam de si, de sua trajetória de vida, familiar e religiosa. As respostas nestes contextos aparentavam ser mais naturais, livres, em relação aos das entrevistas que foram realizadas.

MÉTODOS DE PESQUISA ADOTADOS

1. Pesquisa de campo participativa

As visitas ao campo eram previamente agendadas e autorizadas pelos guardiões do Instituto. Em alguns momentos eles próprios sugeriram eventos para que eu pudesse participar. De forma geral, foi buscado realizar uma visita por mês à casa durante o ano de 2019. Porém houve algumas exceções devia a disponibilidade da casa e do pesquisador. Ademais as visitas eram realizadas em diferentes dias da semana e com duração variada.

2. Outras técnicas além da observação de campo

Ainda sobre esse as técnicas de obtenção de dados, é pertinente trazer neste momento uma reflexão feita por Giumbelli (2002) sobre a relação entre a Antropologia e o trabalho de campo e quais são seus reflexos na disciplina, na intenção de justificar algumas estratégias de coleta de dados. A hipótese levantada pelo autor em seu trabalho, é que esta vinculação reverbera diretamente sobre a construção da identidade do antropólogo. Seu estudo foi realizado sobretudo com base nas análises das definições sobre “*metodologia*”, “*trabalho de campo*” e “*etnografia*” definidos em verbetes de enciclopédias antropológicas. Além de, óbvio, os textos do próprio Malinowski.

A proposta de Giumbelli (2002) é de ampliar a noção de Trabalho de Campo para além do “*estar lá, entre os nativos*”, afirmando que as pesquisas a partir de análise de material histórico produzidos pelos próprios nativos, e consultados em outro tempo e espaço, também podem ser consideradas como pesquisa de campo e render reflexões etnográficas. Desta forma, apesar de um estudo ser construído por meio de consulta de diferentes tipos de materiais

produzidos pela comunidade em questão, o pesquisador ainda teria sua autoridade etnográfica garantida.

A aura criada em torno do trabalho de campo é resultado do processo de consolidação da disciplina no contexto de seu “surgimento”. O trabalho de campo foi uma das estratégias adotadas por diferentes teóricos que buscavam legitimar a Antropologia enquanto Ciência, sobretudo por Bronislaw Malinowski (1884-1942). O teórico, um dos clássicos da área, empenhou-se em consolidar um processo de profissionalização dos pesquisadores vinculados à disciplina. Uma das táticas adotadas foi intensificar as publicações, com instruções metodológicas para os pesquisadores que almejavam ser reconhecidos como antropólogos. Criação e manutenção de departamentos em Universidades. Busca de financiamentos, e o reconhecimento e diferenciação entre os *antropólogos e suas linhagens* (ERIKSEN&NIELSEN, 2007) (PEIRANO, 1991).

De forma gradativa, este processo culminou em uma padronização da prática antropológica, que orbitava sobretudo em torno da pesquisa de campo. Essa dinâmica cria uma hierarquia que valoriza determinados objetos e métodos em detrimento de outros. Ao se aproximar de Bourdieu (1983) sobre o *campo científico*, pode-se perceber que as carreiras dos pesquisadores, e suas autoridades, vão sendo definidas de acordo com a posição que ele ocupa na hierarquia, que por sua vez, resulta-se da assimilação ou não dos métodos pelos pesquisadores.

Retomando a Giumbelli (2002), após esse panorama, o autor, com base em um vasto diálogo com teóricos, aponta que mesmo com a constante invocação ao trabalho de campo, nem sempre sua prática consiste no que Malinowski chamou de “sinceridade metodológica” (MALINOWSKI, 1978, p. 18 *apud* GIUMBELLI, 2002; p.93), ou seja, na reflexão da própria prática impulsionada por uma auto crítica. Ao contrário, a prática é adotada pelos pesquisadores motivados em legitimar sua pesquisa, por meio da ideia de “*eu estive lá*”, “*eu vi*”, ou seja, através da presença de fato no local da pesquisa. Tal problemática teria como reflexo a pouca normatização dos procedimentos investigativos no interior da disciplina, que por sua vez reverbera na própria formação dos pesquisadores. Sobre este processo o autor afirma

Enquanto alguns reclamam da falta de reflexão sobre a maneira de coletar e analisar dados e de construir interpretações (Kilani, 1990), outros apontam certos pressupostos empiristas na tradição do trabalho de campo (Boon, 1982), outros ainda notam que a prática antropológica continua pouco codificada e normatizada (Maanen, 1996) (GIUMBELLI, 2002; p.93).

Para além desta observação, o autor afirma que o trabalho de campo não é exclusivo e nem nasceu a partir da Antropologia, e, importantes antropólogos não realizaram, ou fizeram

pouco trabalho de campo, podendo ser citados Mauss e Lévi-Strauss. Diante do exposto, Giumbelli (2002) busca evidenciar que, apesar do trabalho de campo ser comumente adotada nos trabalhos antropológicos, não deve ser o principal clivo para classificá-los. Logo, uma visão idealizadora do trabalho de campo pode levar algumas reflexões simplistas do fazer antropológico e levar à uma negligência de um conjunto de técnicas que também nos permitiria compreender os significados e fenômenos que envolvem a pesquisa.

Esta discussão é pertinente nesta pesquisa para justificar uma das estratégias adotadas durante sua escrita: reunir diferentes tipos de materiais que foram produzidos pelo grupo, desde publicações em sites, periódicos e sobretudo em redes sociais, que não foram colhidos necessariamente no campo concreto. Também posso destacar a dificuldade de permanecer no Instituto durante um longo período e o fato de não conseguir uma frequência muito alta para visitas devido ao orçamento e disponibilidades do Instituto. Tal procedimento de investigação se devem principalmente pelos limites da pesquisa de campo.

Acompanhar a movimentação do grupo por meio de suas publicações em redes sociais, internet e panfletos, se apresentou como uma alternativa às limitações impostas à pesquisa e como uma forma de manter contato com o grupo estudado.

Outra estratégia de pesquisa que foi adotada de forma complementar ao trabalho de campo foi a *fotografia*. Tal recurso desencadeia inúmeras reflexões e debates no interior da Ciências Sociais, já que, assim como discutido por Martins (2009) a fotografia muitas vezes é adotada de uma forma positivista pelas disciplinas vinculadas à área. Consequentemente, a lógica implicada no uso das imagens, é a mesma já denunciada anteriormente por Giumbelli (2002) em relação ao trabalho de campo: a ideia de prova empírica que o pesquisador esteve entre os nativos.

Porém, levando em consideração tais críticas, durante o processo investigativo desta pesquisa o recurso fotográfico apresentou-se como uma alternativa de compreensão dos fenômenos que se manifestavam no campo, e que não poderiam ser explicados pela lógica linear de um texto escrito e pelos usos de termos conceituais. Sobre este processo, Britto (1995, p.137) afirma que a imagem pode ser tomada como um outro caminho para se refletir sobre "tudo aquilo que não era de ordem verbal, todos os outros códigos que só o registro visual obteve". Desta forma, utilizar-se de algumas fotografias significa tomá-las como uma forma alternativa de comunicação, para além da escrita. Quer dizer que por meio delas é possível compreender os significados e complexidade daquela realidade por um outro caminho.

Logo, quando este trabalho adota a fotografia como técnica de pesquisa, faz um convite para que os conceitos e ideias sejam decodificados sob uma outra lógica de

conhecimento, um *conhecimento imaginativo*. Assim como pontuado por Flusser (1985) a imaginação é a potencialidade humana de abstração. Construir um conhecimento de forma abstrata, não significa um ópio, uma fuga da realidade, mas sim reconhecer que o que vem sendo observado, como o caso da fotografia, é apenas um fragmento da realidade e que por meio dele é buscado compreender fenômenos gerais da realidade social. Ademais, a própria construção deste conhecimento se dá sob outro exercício: rompe-se com uma noção de objetividade e de uma linearidade engessada, sobretudo que envolve o texto escrito: começo-meio-fim. Admite-se que a compreensão é realizada de forma cíclica e dialética:

Ao vaguear pela superfície, o olhar vai estabelecendo relações temporais entre os elementos da imagem: um elemento é visto após o outro. O vaguear do olhar é circular: tende a voltar para contemplar elementos já visto. Assim, o “antes” se torna “depois”, e o “depois” se torna o “antes”. O tempo projetado pelo olhar sobre a imagem é o eterno retorno. O olhar diacroniza a sincronidade *imaginística* por ciclos. (FLUSSER, 1985, p.07; grifos do autor)

Desta forma, as imagens da dissertação possuem um aspecto *conotativo*: não possuem um sentido e interpretação fechada, única aos fenômenos que são abordados pelas mesmas, mas sim, almejam estimular o observador a pensar em significados e processos para além dos que a escrita foi capaz de descrever. Assume-se então que as fotografias possuem um papel de mediadoras, e não de testemunhas que eternizam a pesquisa de campo.

As imagens, sobretudo as relacionadas à paisagem e arquitetura da casa, foram tiradas com autorização prévia dos Irmãos responsáveis pelo Instituto e, aquelas que eram retratos ou compostas por pessoas foram informadas que seriam capturadas.

Uma terceira técnica de pesquisa foi a entrevista semiestruturada. Logo, algumas perguntas foram pensadas previamente para serem feitas aos jovens entrevistados. Porém, o roteiro de entrevista não foi organizado de uma forma rígida, desta forma, a partir destas perguntas elaboradas com antecedência e da forma em que eram respondidas, eram realizadas outras perguntas para explorar ainda mais as respostas dadas. Com isso, pode-se dizer que o questionário era composto por *perguntas gatilhos*, já que a principal função delas, além de colher informações relevantes, era possibilitar acionar outros tipos de perguntas de acordo com o perfil e especificidade de cada entrevistado dentro de uma sequência já pré-concebida. As perguntas que compunham eram todas abertas, ou seja, era possível ser respondidas de forma ampla, não limitada, provendo vastas informações das temáticas abordadas, uma vez que era exigido dos entrevistados uma maior elaboração das respostas.

O roteiro de entrevistas foi pensado em sessões temáticas do seguinte modo:

I-Trajetória de vida: Nesta seção as perguntas tinham como objetivo sondar o estilo de vida que o jovem possuía antes de se converter à Toca de Assis. Logo, buscava-se saber sobre sua família, hobby, trabalho, formação, relacionamento amorosos, dentre outras informações.

II- Processo de conversão: Neste momento, foram levantadas questões relacionadas ao processo de aproximação do movimento e posteriormente sua consagração. Questionou-se o que o motivou à essa mudança, e como se deu, explorando as rupturas que ocorreram, com as mais diferentes dimensões da vida social, durante este processo.

III- Experiência religiosa: O foco dessas perguntas era investigar como vem se dando a vivência dos carismas propostos pelo Instituto, quais são as principais dificuldades, como é viver uma vida comunitária e como ele definia cada um dos três votos: Castidade, Pobreza e Obediência. E quais eram as compreensões de categorias chaves como: liberdade, renúncia, eu, dentre outras.

A entrevista era finalizada sempre com um feedback dos entrevistados, lhes questionando quais foram suas impressões durante a coleta de depoimento e se gostariam de complementar com alguma informação, ou abordar outro tema que não lhe foi perguntado.

A recepção dos jovens às entrevistas foram as mais variadas possíveis: alguns se mostravam extremamente animados enquanto outros se esquivavam, buscando mudar de assunto. A negação à participação dificilmente vinha de uma forma explícita, geralmente a estratégia adotada para não participarem era de postergar o momento ou afirmarem que não havia disponibilidade de horário, que já possuíam muitas tarefas naquele período. Já em relação aquelas pessoas que aceitavam, era “agendado” um horário, de acordo com a disponibilidade dos jovens. Geralmente as entrevistas aconteciam depois do almoço, um período mais tranquilo para os toqueiros, e na área de lazer, próximo à entrada do Instituto. Durante a conversa, as entrevistas foram gravadas em áudio por meio de um aparelho celular, e posteriormente foram transcritas para sua análise. Ao todo foram realizadas seis entrevistas, com toqueiros em diferentes etapas de formação. E uma entrevista com a assistente social do Instituto. A entrevista com a servidora foi uma escolha pontual, e teve por finalidade saber a gestão do recanto religioso e para saber a organização do evento “Natal com os pobres”. Por isso foi adotada uma outra lógica para sua estrutura.

Todas essas estratégias adotadas durante a pesquisa foram tidas como forma de valorizar a construção de um conhecimento etnográfico. Clifford (2002) em seu texto "*Sobre a autoridade etnográfica*" postula que o objetivo final da etnografia é estabelecer uma relação das dinâmicas observadas durante a pesquisa de campo com teorias antropológicas produzidas

durante a história da disciplina. Com isso, o objetivo do etnógrafo é articular estas duas dimensões através de um "contínuo vai e vem entre interior e exterior" (CLIFFORD, 2002; p.33). Logo, durante esse processo há uma contínua confrontação entre o conhecimento antropológico e as realidades observadas durante as visitas ao grupo. Tal dinâmica desencadearia em duas tendências: de legitimação e conservação de conceitos e teorias elaboradas outrora, ou então sua superação. Ainda em relação a esse processo, Peirano (1991) afirma que tal exercício possibilita a criação de metodologias e conceitos mais polidos. Consequentemente, o nível de generalização destes são ampliados. Por isso tal processo não significa um abandono ou recusa de contribuições produzidas anteriormente por outros teóricos, mas sim, o reconhecimento de sua importância e a necessidade de aprimoramento para ainda darem sentido e auxiliarem na compreensão de fenômenos da contemporaneidade. Com isso, retomando a Clifford (2002), tal conhecimento não é tomado como verdades absolutas, mas sim, como *ferramentas*, que, se operadas corretamente são importantes instrumentos de reflexão.

Por fim, evocando novamente Peirano (1991, p.45), a autora afirma que "a antropologia estuda problemas e não povos [...] os antropólogos não estudam aldeias, mas *em* aldeias". Logo a empreitada traçada no Instituto Irmãos da Pobreza e do Santíssimo Sacramento- Recanto Sagrado Coração de Jesus na cidade de Londrina/ Paraná, apresentada até então, é superar o mero relato e descrição do campo e das experiências ali vividas, ao estabelecer um contínuo e próspero diálogo com teorias das Ciências Sociais, não com o objetivo de estabelecer "*fatos sociais*" mas sim "*fatos etnográficos*" (PEIRANO, 1991; p.45).

A TOCA DE ASSIS NAS PESQUISAS ACADÊMICAS

Devido aos seus carismas e proposta radical de experiência religiosa, a Toca de Assis não demorou muito para ganhar os holofotes da mídia. Sendo próxima de grandes canais de comunicação católicos, tornaram-se frequentes e populares as pregações do fundador da Toca de Assis, Padre Roberto Lettieri, a realização e transmissão de grandes eventos como os “Tocões”, gravações de CDs e clipes musicais. A imprensa rapidamente se sentiu atraída para noticiar sobre a origem do Padre Lettieri, sua proposta religiosa e quem eram os jovens que o acompanhavam. Consequentemente, o alcance da comunicação com o público mais jovem foi ampliado, expandindo simultaneamente o movimento, lhe dando um reconhecimento nacional.

Com esse cenário, não tardou para que a Toca de Assis também despertasse o interesse de investigadores de tomá-la como objeto de estudo para compreender o fenômeno sob uma lógica de pesquisas acadêmicas.

Dentro das Ciências Sociais, destacam-se pesquisadores como Rodrigo Portella, Cecília Maris, Flávia Pinto e Silvia Fernandes, pela relevância de suas pesquisas. É significativo afirmar que, mesmo possuindo o mesmo objeto de estudo, devido ao lugar que o conhecimento foi produzido, cada pesquisa contribuiu de forma ímpar, como será apresentado a seguir.

Os estudos de Portella (2007, 2009, 2010, 2011, 2012), foram realizados sobretudo antes da intervenção de Campinas em 2010¹. Com isso, uma das principais questões do pesquisador era investigar as motivações e o processo de adesão dos jovens ao movimento católico e também como se dava a experiência religiosa proposta pela Toca de Assis naquele momento. Vale ressaltar, que neste período o movimento ainda possuía um discurso radical de negação do mundo e da vivência dos votos de Castidade, Pobreza e Obediência. Sendo assim, suas publicações também possuem uma relevância histórica para aqueles que desejam ter a Toca de Assis como objeto de pesquisa, uma vez que, descreve a organização e performance do movimento antes do seu processo de burocratização. Outra contribuição sua foi identificar que apesar do incisivo discurso renúncia do mundo, o movimento dialogava de forma íntima com a contemporaneidade e demanda dos jovens inseridos neste contexto.

Já a pesquisa de Cecília Mariz (2005) teve por objetivo entender a atuação das comunidades de vida no Espírito Santo no interior do campus do catolicismo brasileiro, e a atração dos jovens por esse estilo de experiência religiosa. Com isso, a pesquisadora também busca depreender sobre o conceito de juventude na contemporaneidade e como ele é acionado

¹ Este episódio será apresentado de forma mais aprofundada no próximo capítulo

por alguns movimentos católicos, como o caso da Toca de Assis. Posteriormente, Mariz e Medeiros (2013) se detiveram em compreender os desdobramentos da intervenção da Arquidiocese de Campinas no movimento religioso e a saída do Padre Roberto Littiere sob a perspectiva dos toqueiros. Durante seu trabalho são realizadas inúmeras comparações sobre narrativas e organização do movimento antes da culminância de todo esse processo e os momentos posteriores.

Tal preocupação foi muito próxima da qual Flávia Pinto (2012) teve durante sua dissertação. Porém, assim como relatado pela pesquisadora, todo processo- já mencionado anteriormente- ocorreu durante sua pesquisa de campo em Campinas. Desta forma, para além de compreender as significativas mudanças que foram desencadeadas com o episódio, a autora, também pode presenciar pontos de conflitos entre os membros do movimento religioso e a Igreja Católica, e como os jovens responderam às alterações que ocorreram.

Por fim, Silvia Fernandes (2011) faz uma análise da subjetividade juvenil adotando práticas religiosas católicas como cerne da discussão. Ao pensar o caso toqueiro, em comparação com antigas Ordens católicas, a pesquisadora aponta que o Movimento Toca de Assis estabelece um diálogo mais íntimo, conseguindo responder de forma atual os anseios e demandas da juventude contemporânea.

Como pode ser percebido pelas produções mencionadas anteriormente, a relevância desta pesquisa consiste em teorizar sobre as práticas e vivências mais recentes propostas pelo Instituto.

ESTRUTURA DA DISSERTAÇÃO

A dissertação obedece a seguinte organização:

Introdução

Na Introdução é apresentado um breve panorama do contexto onde a investigação está inserida, tratando sua justificativa e motivação. Ao mesmo tempo foram apresentadas algumas pesquisas realizadas anteriormente tendo a Toca de Assis como objeto de estudo. A apresentação destas pesquisas neste momento visa estabelecer um íntimo diálogo com as mesmas na medida em que serão frequentemente acionadas para compreender alguns significados da experiência religiosa toqueira, e modificações e conservações de elementos na história do movimento.

Por fim, são apresentados aspectos metodológicos da pesquisa: fotografia, pesquisa de campo e entrevistas semiestruturadas, justificando suas escolhas e como foi seu desenvolvimento.

Capítulo 01: A Toca de Assis

Este capítulo se propõe a traçar a história do movimento, buscando em um primeiro momento compreender a principal referência que a Toca de Assis tomou para fundamentar sua espiritualidade: o Franciscanismo Primitivo. Em um segundo momento, são apresentados os principais aspectos do movimento Toca de Assis, como carismas, vertentes, origem e sobretudo o processo de institucionalização que o movimento católico vem sofrendo. E por fim, o capítulo é finalizado com uma reflexão sobre o lugar desta experiência religiosa no campo católico brasileiro e seu significado no mundo contemporâneo.

Capítulo 02: Instituto Irmãos da Pobreza e do Santíssimo Sacramento-Recanto Sagrado Coração de Jesus

Neste momento da dissertação, as análises são voltadas para a realidade específica de uma das casas da Toca de Assis: o Instituto Irmãos da Pobreza e do Santíssimo Sacramento-Recanto Sagrado Coração de Jesus na cidade de Londrina/ Paraná.

As reflexões acerca do espaço e temporalidade da casa constituem-se como um dos principais elementos que sustentam este capítulo. Para além disso, são apresentadas as principais características da casa, como sua organização, sustentabilidade, eventos, etc.

O objetivo deste capítulo é apresentar ao leitor, a cosmovisão do Instituto através de uma descrição sobre dois elementos tomados como centrais: sua ideia de tempo e espaço. A

proposta é tratar esses dois fatores como expressão de uma religiosidade, mas também como formadores e condicionadores da mesma, e consequentemente, também como atores na construção da identidade toqueira.

Capítulo 03: Os Toqueiros

Nesta sessão o objetivo é apresentar as motivações e vivências dos toqueiros no Instituto Irmãos da Pobreza e do Santíssimo Sacramento- Recanto Sagrado Coração de Jesus por meio da descrição etnográfica e de entrevistas semiestruturadas. Tai recursos permitiram explorar como os jovens vivenciam a espiritualidade da Toca de Assis e quais são as relações estabelecidas entre outros membros, acolhidos e leigos que passam pelo Instituto.

Desta forma, este capítulo tem por finalidade apresentar a trajetória de vida e a experiência religiosa de alguns membros do Instituto da Toca de Assis de Londrina/ Paraná no intuito de responder às demandas colocadas durante a defesa da monografia ao mesmo tempo que as tem como importantes dados para compreensão da vivência e negociações que o jovens toqueiros estabelecem no interior Instituto.

1. A TOCA DE ASSIS

1.1 FRANCISCANISMO PRIMITIVO

O Franciscanismo Primitivo surgiu no século XIII a partir de uma iniciativa do jovem Giovanni di Pietro di Bernardone na cidade de Assis- Itália. Este período tratava-se de um momento histórico de profundas mudanças sociais. Algumas das principais alterações ocorreram na esfera econômica, principalmente com o surgimento de uma nova classe econômica: a *burguesia*. Ademais, outra transformação significativa foi o surgimento dos primeiros centros urbanos, como consequência da intensificação de práticas comerciais (ROSA, 2016 *apud* SILVA, 2011). Tais fatores tiveram como desdobramento o agravamento de problemas sociais correlato a um processo de segregação e marginalização social. Este processo discriminatório provocou o aumento no número da violência, de pessoas em situação de miséria e enfermas, cujo a proliferação de doenças por contágio foi facilitada pelo acréscimo de pessoas aglomeradas. É neste cenário, tido como perigoso e vulnerável que surge o grupo liderado por Giovanni Bernardone, futuro São Francisco de Assis.

Bernardone pertencia à uma família tradicional de Assis/ Itália, cuja principal atividade era a comercialização de tecidos. Aspirante à cavalaria, segundo a historiografia católica, o futuro Santo levava uma vida boêmia com seus amigos. Porém, após partir para uma batalha com o exército de sua cidade, almejando uma ascensão social, adoeceu-se durante a missão. Foi neste momento, enquanto estava enfermo e isolado, que teria ouvido o primeiro chamado divino.

Com o passar dos dias é encontrado e resgatado. Quando retorna à sua cidade, o rapaz já havia sido transformado e encarava com estranheza a vida que vivia. De acordo com sua biografia, o processo de sua conversão inicia-se de fato quando o Santo teria ouvido um chamado de Deus para "reconstruir sua Igreja". Encarando de forma literal, o jovem inicia um processo de reforma da Capela de São Damião, uma construção católica em ruína na região retirada de Assis. Como estratégia para viabilizar sua empreitada, Bernardone parte em busca de donativos. Neste momento, também decide vender os tecidos da loja do seu pai. Com a arrecadação foram comprados alguns materiais para dar continuidade ao seu ofício e doados aos pobres. Consolida-se nestes atos uma das principais características do grupo e forma de sustento: a prática mendicante e trabalhos pontuais em troca de alimento ou dinheiro.

É neste período em que ocorre uma das situações mais emblemáticas de sua hagiografia: seu pai, em um ato de fúria após descobrir a atitude de seu filho, o reprova, levando-o até um espaço público para acusá-lo do seu feito e deserdá-lo. Em resposta a postura do seu Pai, Bernardone despe-se de todas suas vestes e afirma "só Deus basta" em praça pública.

Esta cena é chamada de *Transgressão de São Francisco* e é tida como o ápice de sua conversão. Tal fato tem uma profunda relevância e significado uma vez que é tomado como uma forma de expressão da religiosidade do Santo, e uma maneira de evangelização. Por meio deste ato dramático, Francisco de Assis quis reforçar de forma impactante seus novos valores. Por isso, esta situação é considerada na tradição católica como uma ruptura do Santo com sua família, com o estilo de vida que possuía e sobretudo com sua época, já que se tratava de um contexto que supervalorizava os bens materiais e a posição social que a pessoa está inserida.

A partir deste momento o jovem retira-se da cidade e passa a ocupar as áreas ao seu entorno e mais afastadas. Com o tempo vão orbitando em torno de sua figura alguns seguidores, dentre eles, alguns antigos amigos. Tais pessoas se identificaram com novo estilo de vida proposto por Bernardone. Outras pessoas que se aproximaram de sua figura, foram as que eram colocadas às margens da sociedade. Iniciou-se nestas circunstâncias a formação de uma pequena comunidade. Seus membros viviam sobretudo em espécies de gruta destas regiões, ou em tendas improvisadas, e muito próximos de estradas. Logo além de moradia, estes espaços passaram a ser cenários de evangelização, e constituíram-se numa verdadeira rede, o que impulsionou a expansão do grupo e incentivou uma de suas principais práticas: a peregrinação.

Logo, uma das reflexões possíveis de serem feitas é que Giovanni Bernardone e seus seguidores identificaram as principais transformações sociais que vinham ocorrendo, e seus efeitos, e passam a questioná-los por meio de uma nova proposta de vivência do sagrado. Tal vivência, fundamentada e tomando referência o Capítulo 10 do Evangelho Segundo Mateus, estimularia uma nova consciência econômica e social na sociedade (LE GOFF, 2001).

O movimento dos jovens de Assis expandiu-se ganhando força e notoriedade. Na mesma proporção provou diferentes reações no Clero católico. Membros da hierarquia da Igreja o via de forma positiva e inofensiva, na medida em que propunha uma experiência religiosa fundamentada em passagens bíblicas e relatos do catolicismo primitivo. Já outros setores o observavam com desconfiança devido a inúmeros fatores, dentre eles podem ser citados a falta de sistematização escrita do estatuto do grupo que se formava, e o estilo de vida pobre e simples que propunham. Logo a postura destes jovens era interpretada por alguns como afronta e ameaça, já que despertavam críticas e reflexões sobre a vida pouco austera que o clero levava naquele momento.

A aprovação canônica só ocorreu em 1209 pelo Papa Inocêncio III. Segundo relatos, o então Papa teria tido um sonho, no qual via um homem franzino sustentar uma Igreja Católica que estava desmoronando. Ao ver Francisco e o pequeno grupo de amigos que o acompanhava, o Bispo de Roma interpretou ser Francisco o sujeito que em seu sonho apoiava e sustentava sua

Igreja. A partir deste momento, iniciou-se um processo de institucionalização do grupo, com criações de Regras, Constituição da Ordem e normatização de práticas religiosas. Tanto que, com o seu desenvolvimento no transcorrer do tempo, surgiram outros dois segmentos a partir do grupo originário, constituindo o movimento franciscano da seguinte forma:

I- Ordem dos Frades Menores: A primitiva, destinada ao público masculino

II- Ordem de Santa Clara: Criada posteriormente por Clara de Assis, com apoio e incentivo de Francisco, destinada ao público feminino

III- Ordem Terceira: Criada posteriormente para as pessoas que gostariam de vivenciar o carisma do movimento, porém interagindo com o mundo secular.

Este processo desencadeou reações diversas a Francisco, pois significou uma verdadeira reconfiguração de seu grupo e profundas mudanças nas expectativas que criara

Pode-se compreender que Francisco buscava o que Bastide (2006) denominou de *sagrado selvagem* (BASTIDE, 2006), que, em seu caso, correspondia ao *Jesus primitivo*, o qual pode está associado ao fervor do sagrado. A busca pelo cristianismo primitivo em Francisco também esta relacionada às críticas que o místico teceu à Igreja Medieval, no intuito de conduzi-la ao despojamento e simplicidade. Os traços eremíticos e a fuga à institucionalização apontam o zelo franciscano pela conservação do sagrado selvagem. (ROSA, 2016; p.42).

Ao pensar o movimento em seu contexto histórico, levando em consideração tudo o que vem sendo exposto até o momento, pode-se considerá-lo como consequência das dinâmicas localizadas em um cenário mais amplo. Tal reflexão é interessante porque não descola o movimento de seu tempo histórico, ao contrário, apresenta uma dupla dinâmica em seu surgimento: ao mesmo tempo que surge com uma proposta vanguardista, de prover respostas e estar à frente do seu tempo, no intuito de orientar seus membros, ele também é fruto das circunstâncias históricas de seu período. Foram as condições sociais de seu contexto que impulsionaram sua origem. Logo, por mais que o Movimento Franciscano, desde sua origem, tenha sido inovador ao dilemas e dificuldades emergentes, simultaneamente pode considerá-lo como um prisma, que captou os dilemas de seu período e a doutrina católica vigente na época e os traduziu em novos comportamentos por meio de suas problematizações e combinação simultâneas (Del Roio 1997).

Pode-se considerá-lo, dentre outras formas, como uma resposta dada pela Igreja Católica às novas dinâmicas e demandas que emergiam na sociedade naquele contexto histórico. O Franciscanismo e as demais Ordens que surgiram neste momento, têm sua relevância na medida em que conservaram o poder da Igreja Católica, atualizando-o e preservando-o em diferentes nichos sociais, sobretudo incorporando aqueles que eram desconsiderados pelo clero. Durante este processo é interessante observar que além da Igreja

voltar-se para uma parcela da população que era depreciada, também significou o reconhecimento e o início de uma maior atuação de leigos no cenário religioso.

Logo, simultaneamente ao franciscanismo, ocorreu uma proliferação de grupos internos na Igreja Católica. É interessante observar que, por mais diversos que fossem, um ponto em comum entre eles seria a intenção de prover respostas e sentidos às mudanças sociais que ocorriam e às novas configurações que elas proporcionavam. Como Le Goff (2001; p.81) afirma buscavam trazer soluções para o mesmo problema: “num mundo em mutação, abrir para os homens novos caminhos no sentido da salvação”. Porém a forma que a Igreja Católica se relacionava com cada um desses grupos seria diferente. A aceitabilidade e legitimação destes grupos não ocorreriam de forma deliberada. As críticas feitas à hierarquia católica foi um dos principais fatores que balizaria o tipo de relação que seria estabelecida. Tais críticas, de forma geral, eram destinadas ao poder e riquezas mundanas concentrados pela Igreja ao longo do tempo. Em contra partida, tais movimentos religiosos propunham uma espiritualidade centrada na pobreza e na simplicidade. O limite que tais agremiações não podiam atravessar com seus questionamentos era: promover desaprovações à hierarquia católica. As críticas poderiam ocorrer, mas sem se sobrepor à obediência ao clero, por isso não foram poucos movimentos que naquele período foram perseguidos e considerados hereges. O que garantiu que o grupo de Assis não fosse taxado como heresia, foi o voto de Obediência que fizeram à hierarquia católica, para além dos votos de Pobreza e Castidade, renunciando, no momento, até mesmo à ordenação sacerdotal. O voto de obediência do grupo liderado por Francisco se fundamenta no princípio da Adoração Eucarística, hábito valorizado pelo movimento. Reconheciam que só poderiam manter a prática por intermédio de um sacerdote, que consagrasse a hóstia em Eucaristia (LE GOFF, 2001; p.112).

Logo, torna-se possível pensar que o Franciscanismo primitivo colaborou com a Igreja Católica para que esta conservasse seu poder hegemônico, mas também instaura uma nova forma da instituição se relacionar com o mundo e com seus fiéis, pois demonstra o início de uma abertura para uma diversidade interna, ainda que controlada. Sobre este fenômeno Le Goff diz que podem ser pontuados três princípios centrais para essa alteração de comportamento: "a fundação de novas ordens religiosas, o surto do movimento canônico e a aceitação da diversidade eclesial" (Le Goff, 2001; p.28).

Dado o exposto, pode-se afirmar que nesta conjuntura surge o que Mariz (2003) denomina de "igrejas dentro da Igreja". Tal fenômeno consiste em uma pluralização de experiências religiosas, com carismas e espiritualidade completamente dispares. Porém, todos sendo articulados e subordinados à uma única estrutura e líder. Ao questionar-se como isso

seria possível, a autora observa que o evento é viabilizado por uma autonomia relativa, ou seja, apesar dos grupos terem uma liberdade, ela se limita à obediência dos dogmas religiosos da instituição. Logo, apesar de diferente entre si, todos estes grupos conservariam uma afinidade ao orbitarem um único princípio: o respeito às Verdades de Fé do catolicismo. Este seria o limite da atuação desses atores no campo religioso, e atravessar esta divisa poderia ser interpretado como um ato de insubordinação, e levaria o grupo a assumir o risco de heresia, e em uma possível excomunhão. Tal fenômeno reverbera e ocorre de uma forma profunda ainda hoje, permitindo com que se reflita o caso da Toca de Assis.

1.2 A TOCA DE ASSIS

A Toca de Assis foi fundada em 1994 pelo padre Roberto Lettieri na cidade de Campinas, no interior de São Paulo. O movimento busca no franciscanismo primitivo a referência para sua espiritualidade, logo, fundamenta-se no ideal de vida fraterna, comunitária, com o convívio com os pobres, através dos votos de Castidade, Pobreza e Obediência. Apesar de uma vivência regulada, nota-se sobretudo o interesse de jovens para aderir aos Institutos.

Atualmente o movimento possui 30 casas distribuídas pelo território nacional, exceto uma, localizada em Quito, no Equador. Durante as visitas da pesquisa de campo, foi relatado que o movimento possuía um número maior de casa, inclusive em outros países. A baixa começou ocorrer de forma mais acentuada a partir de 2010, com as mudanças estruturais no movimento após intervenção da Arquidiocese de Campinas. Momento esse já descrito e pensado em outros trabalhos (PINTO, 2012).

Abaixo, pode-se observar, por meio de um mapa retirado no antigo site do Instituto, a distribuição geográfica dos casas do movimento. Cabe ressaltar que neste momento é apresentado o número total de casas, não sendo discriminado casas femininas das masculinas.

FIGURA- 01: DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA DA TOCA DE ASSIS



(RODRIGUES, 2017; p. 36)

TABELA- 01: DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA DA TOCA DE ASSIS

Estado	Total de Casas
Ceará	3
Tocantins	1
Goiás	1
Mato Grosso do Sul	1
Paraná	3
São Paulo	14
Minas Gerais	3
Rio de Janeiro	4
Total: 30	

(RODRIGUES, 2017; p.37)

É possível observar que a maioria das casas da Toca de Assis estão localizadas em centros metropolitanos. Logo, por mais que as casas não fiquem restritas às capitais brasileiras, todas as cidades caracterizam-se pela grande concentração populacional e concentração de indústrias e comércios. Torna-se pertinente refletir neste momento que o cenário urbano é um importante elemento para constituição da experiência religiosa toqueira, uma vez que os centros destas cidades são apropriados pelos membros do movimento para sua performance religiosa. Desta forma, a cidade aparece intimamente ligada com a prática proposta pela Toca de Assis. Essa profunda relação pode ser observada por meio de dois elementos: I- são nestes centros urbanos que se concentra a maior parte da população em situação de rua, e II- eles oferecem uma maior possibilidade de peregrinação para os toqueiros. Nesta dinâmica haveria um processo de ressignificação destes espaços, e eles se consolidariam como possibilidade de vivência da espiritualidade e carisma propostos, para além dos muros dos Institutos, havendo por conseguinte uma diluição de fronteiras, já que não haveria um limite territorial rígido entre espaço sagrado e profano, público e privado (PINTO, 2009).

A Toca de Assis divide-se em dois grandes grupos: I- Filhas da Pobreza e do Santíssimo Sacramento e II- Filhos da Pobreza e do Santíssimo Sacramento. Como os próprios nomes sugerem, o primeiro grupo é a ala feminina do movimento, enquanto o outro é vertente masculina do grupo. Por meio da pesquisa de campo realizada anteriormente para a monografia, foi observado que: "a pesquisa de campo demonstrou não ser tão rígida a separação dos membros por gênero, já que constantemente se encontram e realizam atividades em conjunto" (RODRIGUES, 2017; p.38). Atualmente é possível observar que o cenário se configura de uma

outra forma, já que foi notado um movimento mais explícito e uma constante busca de diferenciação e separação das atividades das duas alas.

Pensando no contexto da pesquisa, o Instituto feminino mais próximo dos Irmãos da Pobreza e do Santíssimo Sacramento- Recanto Sagrado Coração de Jesus de Londrina é o Irmãs da Pobreza e do Santíssimo Sacramento- Recanto Eucarístico São Francisco de Assis em Sertanópolis, Paraná; com aproximadamente 44 km de distância. O Instituto se mantém por meio de doações e venda de produtos artesanais e venda de quitutes como biscoitos, trufas, etc. A casa é reconhecida na região por seu projeto arquitetônico: uma grande torre, conhecida por "Torre Eucarística" feita tijolos à mostra, com um grande Tau contornado por eles em seu pico. Ainda inacabada, frequentemente são realizadas ações para sua finalização. O projeto de construção da casa e da sua torre surgiu em 2005, e tem por objetivo proporcionar um ambiente ermo para retiros espirituais e atividades recreativas para os religiosos.

FIGURA- 02: TORRE EUCARÍSTICA/ SERTANÓPOLIS-PR



Para além da divisão de gênero, as casas também se diferenciam quanto às etapas de formação dos seus jovens que se especializaram. Isso não significa que a casa se limita a receber jovens que estejam na mesma fase formativa, mas sim, que a organização e atividade das casas voltam-se para as demandas que cada estágio exige. Outra diferença que há entre as casas, está relacionada às atividades de atendimento e serviços oferecidos à população externa.

Logo, além dos jovens religiosos que aspiram à vida consagrada, a maioria das casas admitem pessoas em situação de rua, chamados pelos toqueiros de "acolhidos". Na pesquisa monográfica que antecede essa dissertação, foi feita uma reflexão acerca deste termo que ainda manteve sua originalidade e relevância

Durante a pesquisa de campo observou-se o uso constante deste termo, o que levou a uma reflexão que proporcionou identificar dois significados chave que essa expressão carrega. O primeiro nos remete à ideia de que o espaço do instituto seria uma espécie de refúgio, um espaço íntimo e seguro que busca seguir uma lógica distinta do seu exterior, e isso se torna evidente na relação dos membros da Toca de Assis com o de fora, ou seja, com o "mundo", buscando constantemente se desapegar do mesmo. O segundo significado chave nos revela a natureza da relação entre

toqueiros e os "acolhidos": revela uma relação de acolhimento, de se colocar entre os pobres, de não desprezo e, até mesmo uma tentativa de humilhar a si mesmo mais do que ao outro. (RODRIGUES, 2017; p.38)

Apesar dos recortes de gêneros, o que une as duas vertentes da Toca de Assis é o seu carisma, constituído por dois princípios: 1- a adoração perpétua ao Santíssimo Sacramento; e 2- o auxílio às pessoas em situação de rua. A tradição católica nos ensina que o Santíssimo Sacramento é o próprio Cristo em pessoa, e a Eucaristia, naquele momento, contém sua divindade. Ponto de intenso debate, até mesmo entre os teólogos católicos, a Instituição defende que não se trata de uma metáfora ou um simbolismo, mas de Cristo reencarnado e seu sacrifício sendo reatualizado naquele momento. Sobre este elemento Pinto diz

Ser toqueiro significa estar em uma "eterna missa", em um rito de aflição cotidiano. Significa entrar para uma batalha espiritual travada em seus corpos e em seu dia a dia, posto que, ao tornarem-se esposos de Cristo, era preciso evidenciar este casamento provocando diariamente este seu amor por ele. (PINTO, 2012, p. 126)

Com isso, comungando da análise feita por Pinto (2012) pode-se refletir que a intenção dos toqueiros neste momento é estender a espiritualidade experimentada da Missa, para todo momento de seu cotidiano. Ademais, com a dia-a-dia das casas orientados a partir desta prática, evidencia os princípios e valores que fundamentam suas vivências e que são suas prioridades. Sinaliza portanto a renúncia do mundo, uma prática de ascetismo mundano, presentes de forma contínua em diferentes elementos do dia destes jovens.

Aqueles que têm interesse em entrar no Movimento Toca de Assis devem primeiramente preencher um formulário disponível na internet para na sequência passar por uma espécie de triagem. Antes mesmo de preencher o formulário, os jovens são informados de uma série de pré-requisitos que devem atender para consagrar-se a vida religiosa. Se todas as condições forem contempladas, o jovem é convidado pelo instituto para uma "Animação Vocacional". Consiste no acompanhamento próximo e frequente destes jovens por meio de compartilhamento de experiências e impressões através de e-mail e ligações e no envio de material. Durante este processo, geralmente, os jovens são convidados a conhecer alguma casa do Instituto, para informar-se de sua rotina e organização. Se após esta fase o jovem continuar demonstrando interesse em tornar-se um religioso do Instituto, lhe é proposto a participação do "Provai e Vede". Neste momento é realizado uma espécie de retiro em uma das casas de formação inicial do Instituto. Esse retiro dura entre três e quatro semanas. Neste período os jovens interessados passam a ter um convívio intenso com os demais membros e jovens interessados. Também conhecem seus "Irmãos Formadores", uma espécie de mentores responsáveis por sua formação inicial. São eles os responsáveis por organizar os "Momentos

de Partilhas", ocasiões em que ocorre o compartilhamento de experiências entre os membros moradores da casa, sobretudo os iniciantes. A frequência desse evento pode variar, mas foi observado que ao menos uma vez por dia era realizado com os membros novos, de forma individual, e uma vez semanal com o coletivo.

Após este período, caso ainda estejam dispostos e sejam aprovados pelo Instituto, os jovens não retornam mais para suas cidades de origem e passam a ser *Vocacionados* e posteriormente *Aspirantados*. Ambas etapas de formação ocorrem na casa de Londrina- Paraná ou Fortaleza- Ceará, e somadas duram aproximadamente um ano. Neste período as atividades formativas se intensificam em conciliação com outras atividades da casa. Após esse tempo, a fase subsequente é o *Postulantado*, realizado no Instituto do Rio de Janeiro. Frequentemente, durante a pesquisa de campo, foi relatado que neste momento formativo os carismas do movimento são vivenciados com mais intensa, e a própria rotina da casa acaba exigindo mais de seus membros. A intenção seria estimulá-los a ter clareza de si e da própria experiência religiosa que estão buscando. O estágio seguinte é o *Noviciado* ocorrendo em Pirassununga, São Paulo. Ele é dividido em dois momentos: um primeiro ano Canônico e o segundo ano Apostólico, neste período os jovens recebem seu hábito. A próxima etapa é o *Juniorato*, nela são feitos os votos simples: Castidade, Pobreza e Obediência. Tais votos serão renovados anualmente até o término de sua formação. E por fim, a última fase é a *Consagração*. Nela é realizado o corte de cabelo no estilo de Tonsura, os Irmãos recebem os Crucifixo típico. Neste momento também são realizados os votos perpétuos e a mudança de nome.

TABELA- 02: TRAJES TÍPICOS DOS FILHOS DA POBREZA REFERENTES A CADA ETAPA DE FORMAÇÃO

ETAPA DE FORMAÇÃO	TRAJE TÍPICO DOS FILHOS DA POBREZA
Vocacionados	Calças e camisetas marrons. Foi observado em campo que em geral as camisetas usadas eram as vendidas pelo próprio movimento com estampas e símbolos que remetem à espiritualidade da Toca de Assis. Já no início do processo de formação já usam cabelos curtos e chinelos.

Aspirantados	Neste momento eles ganham uma blusa de mangas longas e largas do instituto, chamada internamente de "marronzinha". Neste momento já incorporam o capuz.
Postulantados	Neste momento aderem o ding, uma espécie de poncho, ou seja, um tecido comprido, chegando abaixo dos joelhos.
Noviciados	Passam a usar o hábito típico do movimento, mas somente de uma cor. Neste momento a cruz de Tau é substituída por um crucifixo, mas sem os pinos que simbolizam às cinco chagas de cristo. Lhes são entregue o <i>cíngulo</i> , um cordão para ser amarrado na cintura, mas neste momento ainda não são feitos os três nós.
Consagrados	Adotam um nome religioso e passam a vestir o hábito toqueiro completo, além de fazerem o corte típico de cabelo: a tonsura, dão os três nós no <i>cíngulo</i> e ostentam o crucifixo com referência às cinco chagas de Cristo.

(Baseado em Pinto, 2012; p. 50)

As figuras de São Francisco de Assis, Santa Catarina de Siena e São Pio de Pietrecina configuram-se como os principais patronos do movimento. Alguns pontos em comuns entre tais Santos católicos são o forte apelo ao sacrifício, contemplação e a santidade (PINTO, 2012) à Adoração Eucarística e a humildade. Silvia Fernandes afirma que

A escolha daqueles santos como patronos sugere uma valorização do sofrimento físico como ascese, já que dois santos teriam recebidos estigmas, além da valorização da eucaristia, elemento fortemente presente na espiritualidade dos toqueiros. (FERNANDES, 2011, p. 663-664)

A vestimenta adotada pelos toqueiros é uma de suas principais características, o que permite serem reconhecidos pelo público com facilidade. Apesar do estilo poder variar durante o processo de formação e entre o ramo feminino e masculino dos Institutos, há algumas características em comum que permitem a identificação do movimento. Como pode ser

esperado, a maior referência para os trajes é de São Francisco de Assis: são adotados trajes compostos por tecidos de diferentes tonalidades de marrom. Essa talvez seja uma das principais características das roupas, tanto que os toqueiros em determinados momentos são chamados por algumas pessoas próximas de "marronzinhos". A tonalidade marrom faz referência à terra e a pobreza, e os diferentes tons remete aos diferentes pedaços de tecidos que compunham a roupa do Santo de Assis. Alguns dos trajes levam um capuz. Sua finalidade é tanto a proteção de eventos climáticos, como a chuva e sol, mas também possibilita o porte de diferentes objetos, como livros e até mesmo pão e outros alimentos. Tal versatilidade já era observada desde comunidade primária do franciscanismo. Nos últimos anos de formação os membros do movimento portam a Cruz de Tau. Na tradição católica a cruz representa um ponto de equilíbrio entre a relação vertical que busca o Divino e a relação horizontal entre os homens na Terra. Recorda que a intenção da espiritualidade toqueira é de não haver uma sobreposição ou abandono de nenhuma dessas dimensões. Também, de acordo com sua formação, os jovens usam o cingulo, que consiste em uma corda amarrada na cintura. Após realizarem a consagração são dados três nós nas pontas da corda, remetendo aos três votos realizados para consagrar-se à Toca de Assis: Castidade, Pobreza e Obediência. Por fim, após a consagração é adotada a Tonsura como corte de cabelo. Até esse momento os jovens usam os cabelos raspados. A Tonsura consiste em um corte em formato anelar no topo da cabeça dos jovens, tem por objetivo simbolizar a renúncia à vaidade, mas também fazer referência à Coroa de Espinhos portada por Cristo durante seu martírio. Desta forma, observa-se que busca recordar da vida de sacrifícios optada pelos jovens (RODRIGUES, 2017).

1.3 TOCA DE ASSIS E BUROCRATIZAÇÃO: UMA TENDÊNCIA POSSÍVEL?

Alguns elementos que foram observados durante a pesquisa de campo e serão expostos no decorrer da dissertação, revelam uma tendência à institucionalização e burocratização da Toca de Assis. Dentre estes elementos, os que serão destacados e expostos neste momento são: o processo de desvinculação entre os Filhos e Filhas da pobreza, criando dois ramos interno no movimento; e, o uso que os Institutos fazem dos recursos tecnológicos, sobretudo as redes sociais.

Essa hipótese foi corroborada por meio de algumas informações, uma delas foram os relatos de Irmãos consagrados realizados em diferentes momentos durante as visitas. Um desses relatos foi realizado dentro do carro durante o percurso da pastoral de rua. Nesta situação, uma leiga sugeriu que o Instituto poderia fazer um upload no Spotify das músicas produzidas anteriormente pelo movimento. O religioso disse que havia dificuldades burocráticas para isso, pois algumas músicas não estavam registradas como autoria da Toca de Assis, apesar de serem produzidas pelos seus membros. E que a própria estrutura interna do movimento limitava essas ações, pois “havia coisas pouco definidas e misturadas entre os dois grupos”. Relatou ainda que a pouco tempo atrás havia iniciado um processo de marcos divisórios entre eles, para facilitar questões administrativas e legais.

Outro elemento que tornou esse processo ainda mais explícito foi a consulta feita recentemente ao site do Instituto.

FIGURA- 03: LAYOUT DA PÁGINA INICIAL DO MOVIMENTO



(Página inicial do site www.tocadeassis.org.br; acessado em 13/04/2020 as 00:55)

Anteriormente, a Toca de Assis possuía um endereço único na rede (www.tocadeassis.org.br) nele era possível ver as informações gerais do movimento, a

quantidade de casas totais, carismas, loja virtual, processo seletivo, dentre outros dados. Hoje, o mesmo link encaminha para a página exposta acima. Nela é possível observar uma disjunção entre os dois ramos religiosos: "Filhas da Pobreza e do Santíssimo Sacramento" e "Filhos da Pobreza e do Santíssimo Sacramento". Logo, os informes antes mistos, agora são separados e especificados, inclusive limitando as possibilidades de caminho que o usuário pode percorrer.

Um dos Irmãos consagrados, e um dos responsáveis pela casa, confirmou a ocorrência deste processo, relatando que tais mudanças foram necessárias após observarem que de acordo com o regimento interno da Igreja Católica não poderia haver congregações mistas. Segundo o relato do jovem, inicialmente, o então Padre Roberto Lettiere criou um grupo de pessoas para atender o que foi interpretado como "um chamado de Deus" para estar próximo aos pobres e adorar Deus na Eucaristia. Neste primeiro momento a intenção não era de fundar uma congregação religiosa. Mas, com o número crescente de pessoas e a visibilidade que o movimento foi tomando, surgiu a necessidade de as pessoas agruparem-se, surgindo as primeiras comunidades, e configurando a ação como um movimento. A princípio esses agrupamentos não faziam divisão por gênero. Com o passar do tempo, e tendo acesso aos códigos de Direito Canônicos e orientação de bispos próximos ao grupo, foram informados que a Igreja Católica não prevê Congregações e Institutos Religiosos mistos, ou seja, de homens e mulheres coabitando o mesmo espaço. A partir deste momento foram necessárias a promoção de algumas medidas para a adequação da Toca de Assis no ministério católico.

Iniciou-se então, entre 2008 e 2009 a criação de casas masculinas e femininas do grupo, permitindo que cada ramo possuísse seus próprios governantes e conselho. Com o decorrer deste processo, na medida em que o grupo ia institucionalizando-se, outras cobranças e demandas emergiram, tanto na esfera civil quanto canônica. Novos ajustes tiveram que ser realizado para atender as expectativas burocráticas criadas sobre os Institutos de Vida Consagrada, processo esse que ainda está transcorrendo. Por fim, durante a conversa foi notado um cuidado em ressaltar que a ruptura não se deu nas relações afetivas e fraternas, mas sim no âmbito organizacional. Em ambos relatos essa diferenciação é vista como positiva, pois acreditam que proporciona uma maior autonomia entre as partes.

Este processo, dentre outros efeitos, culminou na criação de uma identidade visual, mídias, sites, atividades, logos, única para cada ramo religioso, como já mencionado anteriormente. Mas, apesar da diferenciação entre os ramos do movimento e da relativa autonomia que cada Instituto possui para desenvolver suas ações e atividades internas, é notório o uso de uma identidade única, sobretudo estética. Uma situação em campo reforçou tal observação: um determinado momento junto com um dos Irmãos noviciados enquanto lhe

ajudava a montar uma arte gráfica para ser publicada na rede social do Instituto. A arte havia sido solicitada por um dos Irmãos consagrados e responsável pela comunicação social da casa. O pedido consistia na elaboração de uma arte com uma frase religiosa e a imagem de um Santo. Porém, foi repassado ao jovem toqueiro uma espécie de cartilha digital, com todas recomendações, regras e tipo de formatação que deveriam ser contempladas em sua publicação. Tais normas recebe o nome técnico de *Identidade Visual*.

Logo, a identidade visual é um compilado de regulamentos, dispostos em uma espécie de manual, que tem por objetivo manter uma coerência e coesão gráfica entre diferentes campanhas de uma mesma instituição. Desta forma, ali constava instruções sobre uso de cores, que deviam pertencer à uma paleta de opções já estabelecidas. Tipos e tamanhos de fontes, estilo de imagens, dentre outras coisas. Neste caso, a intenção é que o público seja capaz de identificar os conceitos e princípios do movimento, criando uma espécie de aura que o caracterizaria e o diferenciaria dos demais. Portanto, por meio de alguns elementos em comum, já seria possível reconhecer a publicação, produção gráfica ou sites como toqueiro, pois seria uma forma de transmissão para o público externo o ethos do movimento.

Apesar do material não ter sido disponibilizado para análise, por meio de observação e comparação podem ser estabelecidas algumas características que norteavam a produção gráfica das publicações: 1- Cores sempre em tons terrosos, podendo ser combinadas em alguns momentos com tons secos de verde, amarelo ou vermelho; 2- As texturas, quando usadas são de madeiras e tecido de estopa, sempre rústicos; 3- Sempre presente o logo do movimento; 4- Bordas esfumaçadas em gradientes, que direcionam o olhar ao centro da imagem, e por fim 5- As letras sempre em fonte padrão variando entre os estilos cursiva ou impressa.

Durante muito tempo a Igreja Católica posicionou-se de forma crítica às condutas e formas de socialização que emergiram com o desenvolvimento da Modernidade. Adotando em um primeiro momento uma postura de negação sobre os novos meios de comunicação. Tal postura não seria resultado de uma mera recusa, ou de uma conduta negligente, mas pela crença católica de que tais recursos seriam incompatíveis com sua moral religiosa (CAMURÇA, 2009). Essa conduta foi revista, sobretudo a partir do Concílio Vaticano II, realizado na década de 60.

Tal Concílio representou uma abertura da Igreja Católica ao diálogo e a busca de uma conciliação com as novas demandas e recursos que estavam ganhando força na sociedade contemporânea. É interessante evidenciar que neste momento histórico, ocorria a expansão dos

meios de comunicação em massa e aparelhos de mídias. Porém, ainda neste momento, o clero católico resistia à incorporação destes recursos em suas práticas religiosas.

Já dentro dentro deste novo cenário, no contexto brasileiro, surgiram emissoras como: Canção Nova (Cachoeira Paulista/ São Paulo, 1978); Rede Vida (São José do Rio Preto/ São Paulo, 1995); TV Aparecida (Aparecida/ São Paulo, 2005) e Século 21 (Valinhos/ São Paulo, 1951). Camurça (2009; p.59) descreve este processo como "uma verdadeira revolução dentro do catolicismo brasileiro", uma vez que impulsionou a religião a ocupar nichos sociais que até então estavam sendo negligenciado pelo clero. Nota-se neste período, que para além da expansão televisiva do catolicismo, ocorreu simultaneamente o surgimento de sites e blogs, publicações especializadas, padre cantores, grandes festivais, dentre outros. Este processo revela a íntima relação que a Igreja Católica começou a estabelecer com os costumes contemporâneos, liderados sobretudo por grupos vinculados à Renova Carismática Católica. Camurça (2009) caracteriza esse fenômeno como *catolicismo carismático-midiático* afirmando que:

Essa discussão se situa na *tensão e articulação* da mensagem vinculada nestes meios católicos- muitas vezes considerada conservadora e tradicionalista- com uma linguagem experimental e um estilo completamente afinado com a realidade virtual do "ciberespaço" e "cibercultura" (Lévy, 1999). Um estilo quase que mimético em relação às práticas midiáticas e de *performance* do mundo profano, exemplificando nos eventos como: "Deus é Dez" do padre surfista José Luiz Jansen de Mello Neto, o padre Zeca, dos shows-missa com seus padres-cantores, e das "Cristotecas" onde jovens dançam ao som de música *tecno* e *plays backs* com temas católicos. (CAMURÇA, 2009; p.61; grifos do autor)

Em relação à Toca de Assis, em sua história o movimento lidou de diferentes formas com os recursos midiáticos. Em estudos realizados anteriormente por Portella (2012; 2011) e Pinto (2009; 2012) é apresentado que em seu início o grupo católico havia uma estreita relação com os meios de comunicação de massa, tendo as pregações de seu fundador Padre Roberto Lettieri transmitidos por diferentes canais e disponíveis no Youtube, megashows chamados no momento como "Tocão" sendo televisionados, produção de CD e clipes musicais.

Porém, após a intervenção da Arquidiocese de Campinas em 2010, houve um processo de distanciamento do grupo em relação a esses canais de entretenimento. Vale ressaltar que não houve uma ruptura brusca em relação a esses meios. A pesquisa de campo realizada neste período possibilitou observar uma relação próxima com outros grupos católicos vinculados à Renovação Carismática, e suas produções, sobretudo musicais, vídeos e instrumento. Mas estes passaram a ser utilizados com ponderação. Hoje, nota-se uma reaproximação da Toca de Assis sobre esses recursos, apropriando-se principalmente das redes sociais, onde são realizadas diferentes publicações com temáticas religiosas, e com a arte sendo

produzidas pelos próprios Irmãos, divulgação de eventos e ações, tendo em alguns momentos sua transmissão ao vivo, venda de produtos e como canal de comunicação com possíveis futuros membros.

A seguir poderão ser observados alguns perfis do movimento no Instagram. De antemão é importante evidenciar que o Instagram é umas das redes sociais populares que mais se expandiu no Brasil, consolidando atualmente como a segunda maior do setor em número de engajamentos, de acordo com pesquisa realizada pela SocialBakers (2019). Tendo majoritariamente um público com idade entre 18 e 35 anos, a plataforma possui um forte apelo visual, e vem criando ferramentas para proporcionar uma maior interação entre administradores do perfil e seus "seguidores", os usuários. Tais fatores torna relevante a reflexão da vinculação toqueira à rede social.

FIGURA- 04: PERFIL NO INSTAGRAM DA TOCA DE ASSIS



(Usuário do Instagram: @tocadeassis, acessado em 20/04/2020 as 18:41)

FIGURA- 05: PERFIL NO INSTAGRAM DOS FILHOS DA POBREZA E DO SANTÍSSIMO SACRAMENTO



(Usuário do Instagram: @tocadeassisirmaos, acessado em 20/04/2020 as 18:41)

FIGURA- 06: PERFIL NO INSTAGRAM DAS FILHAS DA POBREZA E DO SANTÍSSIMO SACRAMENTO



(Usuário do Instagram: @filhasdapobreza, acessado em 20/04/2020 as 18:41)

Destacado esses perfis do movimento no Instagram, pode-se observar que o perfil geral da Toca de Assis - @tocadeassis - hoje conta com 415 mil seguidores. Neles são divulgadas ações de todas as casas do movimento, independente do ramo. Já o usuário referente ao ramo masculino da Toca, - @tocadeassisirmaos -, concentra as publicações referentes à atuação das diferentes casas do ramo masculino. Por sua vez o nickname @filhasdapobreza publica as ações da ala feminina dos Institutos toqueiros. Um ponto em comum nas publicações é que além das ações, também são difundidas campanhas de evangelização, convites para eventos religiosos, e mensagens motivacionais atreladas à filosofia cristã. E, além desses perfis centrais, cada Instituto possui suas próprias redes sociais, onde divulgam suas campanhas.

Dado o contexto, torna-se interessante pensar que a Toca de Assis está imersa neste meio. Com tudo que vem sendo exposto até o momento, pode-se observar um percurso em direção ao uso dos meios de comunicação. Observa-se que tais meios foram tomados como ferramentas evangelizadoras, mas em um esforço de “estar no mundo sem ser do mundo” (BRAGA, 2010). Ou seja, são pensados mecanismos que diferencie e distancie tais instrumentos da esfera mundana, através de suas ressignificações. Neste momento, é significativo relembrar todo processo de produção destas publicações, já mencionado anteriormente e do uso verbal empregado. Porém, mesmo após esse processo continuam sendo publicações de redes sociais.

Tais circunstâncias permitem diferentes interpretações relacionadas às formas de incorporação dos meios digitais na experiência religiosa. Essa multiplicidade analítica ocorre inclusive no seio da Igreja Católica, incitando algumas tensões e disputas interpretativas entre movimentos e vertentes. Para ilustrar este cenário, será evocada a seguinte situação:

Em uma determinada ocasião, um dos religiosos responsáveis pela comunicação externa, solicitou ao Irmão Guardião a autorização para a transmissão ao vivo no Facebook de

uma das celebrações religiosas que iria ocorrer. O Guardião da casa não autorizou de imediato, afirmando que um outro Instituto havia realizado o mesmo feito e foi desaprovado pelo Conselho Geral dos Filhos da Pobreza. O Irmão insistiu, e disse que se fosse o caso assumiria a responsabilidade. Após a insistência e com essa condição, foi autorizado a realizar a live.

Justamente pelo movimento ainda estar em um processo de assimilação desses recursos em sua estrutura, nota-se que alguns membros a observam com desconfiança e recomendam prudência quanto ao seu uso. Possivelmente isso acontece pelo fato de que por mais que a Toca de Assis se esforce e propunha um movimento antropofágico dos recursos digitais, ou seja, de apropriação, ressignificação e devolutiva de algo novo, ela não consegue se desvincular da atmosfera que compõe estes meios, assim como apontado por Camurça (2009) à luz de Brenda Carranza (2005)

Se de fato é a lógica do consumo que articula e organiza toda a estrutura da cultura midiática, como então evangelizar por meio da mídia sem se deixar afetar pela lógica e cultura que a gera? (CARRANZA, 2005; p.392 *apud* CAMURÇA, 2009; p.69).

Desta forma, por mais que a Toca de Assis busque lidar com a internet e seus recursos vinculados de outra forma, eles não conseguem desvincular-se de uma premissa que envolve tal meio: a lógica mercadológica. Deparam-se desta forma com um dilema: ao mesmo tempo que veem neste ambiente a possibilidade de prospectar público, também se veem negociando e correndo o risco de cair em um processo de cooptação e mercantilização, que por mais que não seja pautado na lucratividade financeira, passa a subordinar-se à opinião pública já que se posiciona em uma relação de demanda e oferta. Por sua vez, Braga (2004 *apud* CAMURÇA, 2009; p.70) evidencia uma outra dimensão desta relação, chamando-a de "prática de consumo não consumista". Ou seja, o princípio norteador não seria a lucratividade financeira, implicada em um estilo de vida consumista, mas sim a aquisição de diferentes elementos que remetem a valores de um plano de vida transcendente. Porém, apesar de tais dimensões serem aparentemente distintas, este processo ainda se fundamentaria em um reconhecimento de necessidades individuais, e na ideia de uma promoção de identidade, que seria adquirida por um público. Ademais, é possível perceber o temor relacionado à esta dinâmica quanto ao risco de uma simplificação e generalização dos carismas do movimento, uma vez que passam a lidar com um público massificado.

Retomando ao processo de Institucionalização e burocratização jogando luz ao que vem sendo exposto até o momento, Barbosa e Quintaneiro (2003), ao interpretar Weber, afirmam que este fenômeno desenrolar-se-ia em diferentes instâncias da vida social, até mesmo naquelas que tradicionalmente não são marcadas por uma lógica racional, mas sim subjetiva e

emotiva, como a religião, estética, música, etc. Esse processo constitui-se como uma acentualização da calculabilidade em relações e configurações das mais diversas instituições sociais, levando à constituição da *burocracia*.

Portanto, a burocracia seria um tipo ideal de organização, que busca a universalidade e a impessoalidade, ou seja, as relações sociais ali constituídas são desprovidas de marcadores pessoais, como trajetória de vida, família, condições financeiras, raça, gênero, religião, etc.

A burocracia enquanto tipo ideal pode organizar a dominação racional-legal por meio de uma incompatível superioridade técnica que garanta precisão, velocidade, clareza, unidade, especialização de funções, redução do atrito, dos custos de material e pessoal, etc. Ela deve também eliminar dos negócios "o amor, o ódio e todos os elementos sensíveis puramente pessoais, todos os elementos irracionais que fogem ao cálculo" (WEBER, p.732). A organização burocrática é hierárquica, e o recrutamento para seus quadros dá-se através de concursos ou de outros critérios objetivos. Funcionários que pudessem ser eleitos pelos governados modificariam o rigor da subordinação hierárquica já que isto estabeleceria uma relativa autonomia frente ao seu superior. O tipo ideal do burocrata é o do funcionário que age em cooperação com outros, cujo ofício é separado de sua vida familiar e pessoal, regulamentado por mandatos e pela exigência de competência, conhecimento e perícia e que não pode usar dos bens do Estado em proveito próprio ou apropriar-se deles. O salário é determinado de acordo com o cargo e existe uma carreira que estrutura a hierarquia. Ao ocupar um posto, o funcionário (BARBOSA e QUINTANEIRO, 2003; p.131)

A burocracia fundamenta-se e corrobora, portanto, com a ideia de *meritocracia*, ou seja, na crença de uma estrutura e a disposição de seus cargos e funções constituídos por critérios objetivos e racionais, levando-se em consideração somente a aptidão técnica, titulação, especialização, legitimidade e obediência que se tem com o poder. Por conta disso, a burocracia enquanto tipo ideal, fundamentar-se-ia como um tipo de dominação racional-legal, como definida na teoria weberiana.

Para fins analíticos, ao aproximar tal formulação teórica weberiana à realidade toqueira, é importante levar em consideração dois pontos do arcabouço teórico de Max Weber: a primeira é que sua formulação em relação à Burocracia trata-se da criação de um tipo ideal. Em suas obras, Weber estabelece os tipos ideais como metodologia de estudo. Tal metodologia consiste na observação de casos reais, porém, elaborado de forma abstrata e ideal. Com isso, a expectativa era sintetizar aquilo que seria essencial, reunindo as principais características deste elemento. É relevante fazer esse apontamento pois, por conta de tais características, o Tipo Ideal não seria identificável na sociedade, logo, não teria fim em si mesmo. Mas ele motivaria o trabalho do pesquisador, uma vez que a partir dele, seria possível realizar um estudo comparativo e analítico que permite compreender as manifestações plural e reais da sociedade (PAIVA, 2018; p. 95) (COSTA, 1997; p.75).

Com isso, pode-se realizar a segunda consideração: o processo de racionalização e desencantamento do mundo não seria um processo contínuo e perfeito, que levaria gradualmente a superação e exclusão de respostas mágicas do mundo, assemelhando-se a uma ideia de evolução positivista. Na teoria weberiana há o reconhecimento de ajustes e realidades com valores imbricados, por mais distantes que estes possam parecer ser em sua natureza. Este processo é nomeado pelo autor como "Afinidade eletiva". Por meio dele, é expresso algumas compatibilidades de valores entre a esfera religiosa e econômica, que ao se convergirem criam uma tendência, matriz de comportamento e referência identitária, rompendo assim com algumas tradições que acreditam na oposição destas dimensões (LÖWY, 2011). Processo semelhante ao que vem sendo observado na Toca de Assis.

Logo, por meio do que vem sendo apresentado até o momento pode-se refletir sobre uma das principais facetas da Toca de Assis: uma espécie de *bricolagem* realizada ao conciliar elementos de uma tradição religiosa medieval com elementos típicos da contemporaneidade. Desta forma, a espiritualidade toqueira seria composta pela ressignificação de elementos contemporâneos, como a internet, mídias sociais, e até mesmo a proposta de uma identidade marcada por uma radicalidade.

Em um primeiro momento, a observação que pode ser feita é em relação à Toca de Assis é sua constante busca de distanciamento e negação do mundo. Desta forma, ela se coloca como oposição às tendências a valores da sociedade contemporânea, sobretudo aos que se referem à valorização de bens materiais, à títulos acadêmicos, status social, consumo e principalmente a secularização. Com isso, a proposta de resgate da Tradição do Franciscanismo Primitivo é apresentada como uma possibilidade alternativa de organização temporal e espacial, que se estruturam de forma antagônica à contemporaneidade.

Porém, quando se faz uma análise mais profunda do cenário em que a Toca de Assis está localizada, torna-se perceptível uma íntima relação de coexistência entre essas duas dimensões, a contemporânea e religiosa de inspiração de medieval. Logo, a relação que existiria entre a postura de resgate à Tradição na Toca de Assis e a contemporaneidade não fundamentar-se-ia em uma relação de oposição, mas sim de complementaridade. Tal afirmação deve-se ao fato de que é justamente pelo cenário criado a partir do advento da modernidade, é que a Toca de Assis se constituiu como marco referencial. Logo, tal movimento católico seria fruto de um cenário contemporâneo, e só pode existir devido às condições sociais que ele proporciona. Contudo, recorrendo à Tradição, a Toca de Assis, consolida-se como um marco referencial capaz de dar respostas aos anseios e demandas sociais, disputando inclusive com outras organizações sociais.

Giddens (1997) chama este processo de *Modernidade Reflexiva*. O autor afirma que "[...] uma *colaboração entre modernidade e tradição* foi crucial às primeiras fases do desenvolvimento social moderno" (p.113; grifos do autor). Com isso, ao contrário do que se esperava, com a emergência da Modernidade a Tradição não foi superada, mas sim, reconfigurada, e realocada para outras dimensões que princípios modernos tiveram dificuldade de aderir.

Por fim, a Toca de Assis revela que na proporção que a Modernidade avança e questiona elementos já consolidados na Sociedade, ela desencadeia um movimento de reestruturação destes, criando a possibilidade de algo novo, mas sobretudo, algo reinventado. Ou seja, uma organização social que nasce no tempo contemporâneo, mas com um profundo diálogo com o passado, impulsionada por uma conciliação de interesses e valores de esferas aparentemente contraditórias, mas que existem de forma relacional por meio de uma interferência mútua.

2. IRMÃOS DA POBREZA E DO SANTÍSSIMO SACRAMENTO- RECANTO SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS

A pesquisa de campo foi realizada no Instituto Irmãos da Pobreza e do Santíssimo Sacramento- Recanto Sagrado Coração de Jesus na cidade de Londrina, Paraná.

Fundada em 1934 e localizada no Norte do Paraná, Londrina está à 394 km da capital do Estado, Curitiba. Atualmente é a segunda cidade mais populosa do Estado, com uma população estimada em 569.733 habitantes, segundo estimativa do IBGE de 2019. Sua população é composta sobretudo por mulheres, 52,3%, e majoritariamente urbana- 97,4%, e 70,4% branca, segundo dados disponibilizados pelo município tendo como ano base 2018.

Ademais, segundo o Guia do Investidor 2019 emitido pela prefeitura, ela é uma das cidades com maior influência econômica da região Sul do país, com um PIB de 19.235.188 de reais em 2017. Sua economia fundamenta-se sobretudo no setor de comércio e serviços, representando aproximadamente 81% do PIB do município. Tal desempenho econômico permite uma renda média dos responsáveis por domicílio de R\$ 2.700,00 por mês em 2010.

De acordo com informações do site oficial da Toca de Assis, o movimento está há 15 anos na cidade. Atualmente o prédio está localizado em um bairro simples, na região oeste do município, próximo de vias movimentadas, o que possibilita seu fácil acesso e a mobilidade de seus membros.

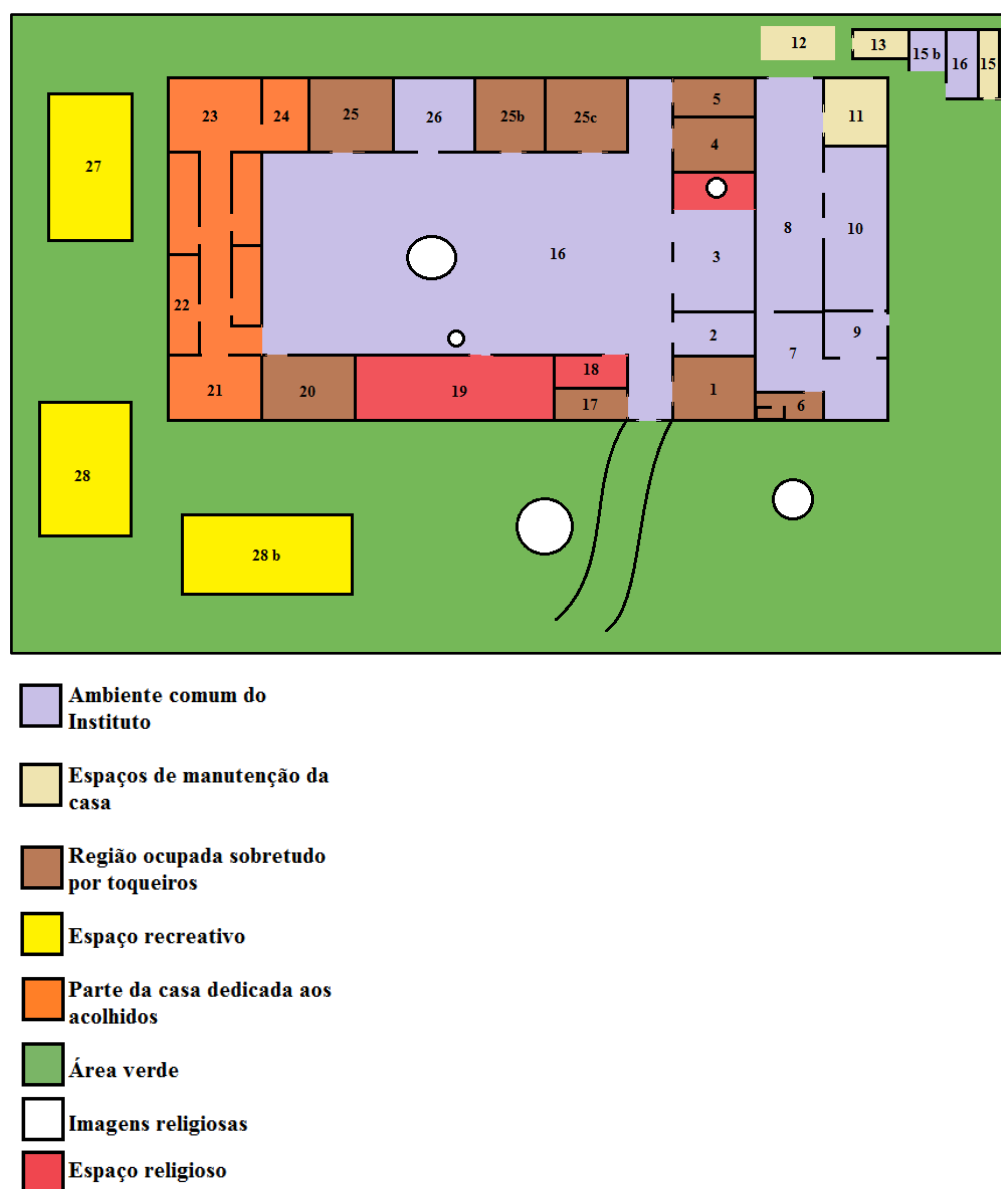
O Instituto trata-se de uma casa masculina do movimento Toca de Assis, e uma das primeiras residências que os futuros membros passam durante sua formação. Desta forma, a população local é formada sobretudo por toqueiros recém ingressos ao movimento, e por algumas pessoas que em outro momento estavam em situação de rua ou vulnerabilidade e foram acolhidas pelo Instituto. Por conta disso, no cotidiano são chamados de *acolhidos*. Atualmente todos os acolhidos são homens de idade avançada, e a maioria possuem alguma deficiência intelectual e limitações motoras. Ainda de acordo com o site, no momento da pesquisa, haviam cinco jovens aspirantados, seis religiosos e quinze acolhidos.

2.1 ESPACIALIDADE E TEMPORALIDADE TOQUEIRA

Vale ressaltar que os espaços físicos da casa onde se localiza o Instituto são dinâmicos. Seu acesso e ocupações podem variar de acordo com as circunstâncias e sujeitos envolvidos. Ainda durante a monografia (RODRIGUES, 2017), havia sido relatado que anteriormente a casa era um seminário destinado para formação de padres. Posteriormente o local foi passado para a Toca de Assis. Uma informação relevante neste momento é que apesar de estar sendo usada pelo movimento, o edifício ainda pertence à Arquidiocese de Londrina. Durante a atual pesquisa de campo foi mencionado que a arquidiocese solicitou o edifício para a Toca de Assis, para desenvolver outras atividades no prédio, sem providenciar outra estrutura para hospedar o movimento. Após um período de incertezas, os responsáveis pela casa souberam que um senhor, dono de uma imobiliária local, que iria realizar a doação de um terreno e posteriormente a construção do prédio para os toqueiros. Tal situação foi interpretada como ação da “Providência Divina” pelos jovens e leigos vinculados à Toca de Assis. Durante esta pesquisa, já havia sido realizado o projeto arquitetônico da futura casa dos Irmãos da Pobreza e do Santíssimo Sacramento em Londrina, porém ainda não foi iniciada a construção do prédio.

No momento da investigação a casa que abriga a Toca de Assis em Londrina possui a seguinte estrutura:

FIGURA 07: PLANTA DO INSTITUTO



(Fonte: autoria própria)

Já em relação aos cômodos, eles podem ser descritos da seguinte forma:

1- Secretaria;

Após passar pelo jardim e subir as escadas, logo na entrada do Instituto há uma secretaria. Durante esta pesquisa de campo foi notada uma alteração relacionada a este cômodo. Antes, ali ficava uma espécie de enfermaria e um pequeno escritório, usados sobretudo pelos guardiões da casa ou de forma pontual, por outros membros do Instituto quando necessitavam fazer alguma consulta na internet ou ligações. Estes espaços eram separados por divisórias de placas de madeiras MDFs próprias para escritório.

Hoje não há mais essa divisão, desta forma o espaço apresenta-se mais amplo, e é acessado essencialmente pela secretária da casa. As outras funções que ali havia foram realocadas para outros lugares do instituto.

2- Banheiro de visitas;

Ao lado, como por ser observado na imagem, estão os sanitários voltados quase que exclusivamente para os visitantes do Instituto. Apesar de ter somente uma entrada, internamente há cabines, e estas cabines são divididas por gêneros. No fundo do banheiro há um lavabo. Neste espaço não há ducha, logo, quando necessário, as visitas banham-se ou no banheiro coletivo ou no do quarto de visitas.

No fundo do banheiro há uma parede com um vão na parte superior. Ali são armazenados alguns objetos com pouco uso, como por exemplo decoração de natal e alguns tecidos também usados como adorno.

3- Pátio interno.

Ao lado da porta do banheiro, há uma grande entrada feita com portas de correr de vidro que dá acesso ao pátio interno. Pode-se dividir este local em três espaços: uma antiga loja, um presbitério e uma mesa para visitas. Assim que entramos nele, ao nosso lado direito podemos observar um balcão com algumas prateleiras suspensas na parede, que serão tomadas neste momento como ponto referencial para descrever os demais ambientes. Há um tempo atrás, este espaço servia como uma lojinha fixa do Instituto. Ali eram comercializadas camisetas, terços, imagens e camisetas que remetessem ao carisma da Toca de Assis, ou que eram produzidos pelo próprio movimento. Hoje ainda há esta estrutura, mas houve uma perda de sua finalidade. Não são mais comercializados produtos no local. A venda de produtos toqueiros concentrou-se no site oficial do movimento.

Ao lado deste balcão permanece uma mesa, nela são servidos cafés e quitutes. Nota-se que é um espaço de socialização marcado por um alto fluxo de pessoas. Nele são realizados encontros e conversas informais, visitantes são acolhidos, ou, também pode configurar-se como um momento de folga para pessoas que atuam na casa. Em alguns momentos a mesa também é ocupada pelos próprios acolhidos, também servindo como instante de descanso ou recreativo, pois, era comum vê-los fazendo ali algumas atividades, como pintura em papel com lápis de cor ou trocas de idéias.

Já na frente do balcão, há um Altar. Ele pode ser organizado de diferentes formas, de acordo com alguma data religiosa ou evento, mas no cotidiano ele é um Altar Mariano.

FIGURA 08: PRESBITÉRIO NO PÁTIO INTERNO



(Fonte: autoria própria)

Como pode ser observado há um suporte de mármore abaixo de um quadro grande com a iconografia do Sagrado Coração de Maria. Ao seu redor sempre há algum tipo de ornamento, como plantas, flores ou velas. Geralmente, do seu lado direito encontrava-se uma imagem de São Miguel Arcanjo. A tradição católica defende que este arcanjo zela pelo o que é justo e pelo arrependimento. Também é caracterizado como guerreiro contra forças malignas. Já em relação à imagem do Sagrado Coração de Maria, simboliza um convite à contemplação mariana, resgatando a ideia de um amor maternal, pensando como um sentimento vivo, quente, forte e fiel, aquele que acolhe e sofre junto com seu filho. No caso mariano, a referência é feita à paixão e morte de Jesus, e todo companheirismo que Maria teve naquele momento com seu filho. Tal ideia é expressada sobretudo pelo coração em chamas e em tom de vermelho intenso, coroado com uma coroa de espinhos com algumas chagas. Logo, o convite é com que por meio dela, e assim como ela, contemple seu amor e sinta as dores de Cristo, de forma fiel, assim como ela experimentou. Em todos momentos que religiosos e leigos passam diante deste Altar, é feita uma reverência.

4 e 5- Nestes espaços há uma pequena biblioteca, uma clausura e um escritório reservados para os religiosos;

O ingresso a esses ambientes não foi realizado por terem um acesso restrito. Suas funções são conhecidas pelas descrições feitas pelos membros do Instituto em diferentes momentos durante a pesquisa. A biblioteca era frequentemente comentada pelos jovens, pois durante suas formações é estimulada a leitura e reflexão de textos, sobretudo religiosos, mas não somente. Em determinado momento, foi comentado de forma indireta, que alguns livros são mais restritos, e apenas membros mais velhos, e em etapas mais avançadas da formação têm acesso. Também foi comentado que a monografia, resultado de uma pesquisa de campo anterior, está na biblioteca, e que frequentemente, na busca de alguma leitura, se deparam com ela.

Em outras situações, com o acompanhamento de alguns religiosos, foi possível notar que neste espaço há um pequeno escritório, com notebook e impressoras, também há uma caixa de com as chaves do instituto.

Ao lado de sua porta de entrada, no pequeno corredor, há um painel de recados. Nele são postas informações de interesse em comum para os membros da casa e eventos futuros, além da lista de tarefas e do rodízio de quem a desempenhará. Além do cronograma de atividades da casa.

6- Quarto de visitas

Este quarto está localizado no interior da dispensa do instituto. Nele há duas camas de solteiro e um banheiro completo. Destinado sobretudo às visitas, ele acolhe familiares de membros do Instituto, visitas e religiosos em peregrinação. Em momentos também é usado como descanso por algum religioso.

7- Dispensa

O restante do ambiente da dispensa é composto por dois espaços. Em um estão localizados os freezer e geladeiras do Instituto. Neste mesmo espaço também há uma fruteira. Já no segundo espaço são armazenados os alimentos embalados ou enlatados. Composto por algumas prateleiras de concreto, os alimentos ali guardados são divididos em duas categorias: Pastoral de Rua e Consumo Interno. Ali também são reservados os utensílios como pratos e copos de plástico, embalagens, marmitas e garrafas térmicas, que são usados na Pastoral de Rua.

8- Segundo Pátio

Espaço amplo, aqui ocorrem algumas cerimônias de socialização e recreação do movimento. Dependendo do número de pessoas, as mesas do refeitório são retiradas e organizadas neste espaço, sobretudo quando a intenção é criar um ambiente descontraído, mais leve. Tanto que durante algumas visitas, foi possível acompanhar alguns almoços de domingos, comemoração de aniversário e brejos realizados neste espaço.

No fundo há um ambiente onde os toqueiros fazem a tonsura e onde contam cabelos dos acolhidos ou visitantes do Instituto. Este ambiente é composto por uma cadeira de cabeleireiro e um espelho. Do lado direito há uma mesa utilizada como apoio dos objetos que são usados durante a atividade. Já do lado esquerdo há um armário, onde são guardados a máquina de corte, objetos de higiene pessoal (navalha, pentes, espuma de barbear, etc).

9- Cozinha

Neste ambiente são preparadas as refeições da casa. Seu acesso é ligeiramente restrito. É composta por um fogão industrial com uma coifa acima. Ao lado do fogão há um

balcão de madeira em estilo "L". Este balcão sustenta uma pedra de mármore negro sobre toda sua estrutura e duas pias, uma dupla e uma única. No canto da parede, acima deste balcão há um microondas e acima dele há um pequeno altar em uma prateleira, com a imagem de Nossa Senhora de Guadalupe e uma vela ao seu lado.

Na parede, na frente da pia, há um armário planejado, todo em branco. Neles são guardados os utensílios domésticos, como pratos, copos, panelas e talheres.

É comum ver um ventilador de coluna ligado no ambiente, ou então, pessoas a sua procura. Apesar de ser um ambiente amplo, com circulação de ar, é frequente a queixa de uma sensação de calor. Provavelmente isso ocorra por conta do seu revestimento de azulejo em toda sua parede.

10- Refeitório

Ao lado da cozinha está posicionado um refeitório. Também se configura como um importante espaço de socialização. Neles são feitas todas as refeições do movimento. Durante o campo, foi observado que, sobretudo o café da manhã e o almoço são realizados com a presença de todos, tanto de acolhidos, visitantes e religiosos, sendo raras as exceções. Sempre, antes de todas as alimentações, um dos acolhidos toma para si um pequeno sino, e sai badalando-o em todo o Instituto, convocando todas as pessoas para refeição. Após a chegada de todos, é realizada uma breve oração iniciada por um dos religiosos.

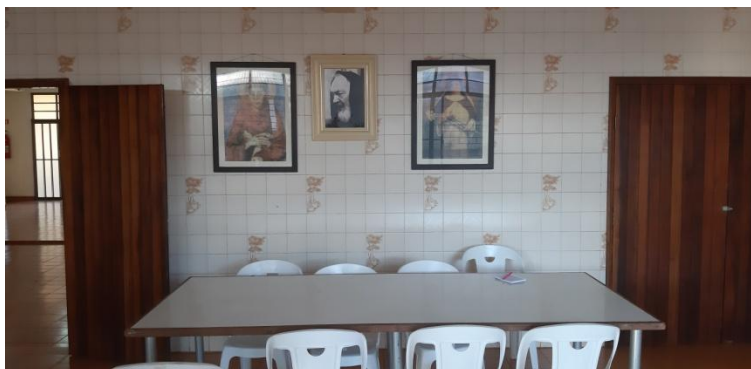
Na sequência alguns acolhidos sentam-se à mesa, outros organizam-se em fila próximos ao balcão de inox e são servidos pelos toqueiros. A depender do horário também é realizada a medicação dos acolhidos da casa. Esta função é sempre desempenhada por uma pessoa específica, mas não fixa, já que há rodízio das funções de tempos em tempos.

Posteriormente visitas e toqueiros se servem e juntam-se aos acolhidos. As mesas são dispostas em "U", e não há definição prévia de lugares, sendo assim, as pessoas se acomodam de acordo com a disponibilidade de acentos e afinidades, mas sempre de forma mista.

No espaço há várias iconografias religiosas, sendo elas quadros com imagens dos patronos do movimento: Santa Clara, São Pio e Santa Catarina de Siena.

O espaço é levemente reservado, mas seu uso vai para além dos momentos de refeição. Ali também ocorrem encontros e reuniões pequenas e pontuais. Talvez, isso ocorra pelo fato de, apesar de ser um espaço comunitário, também se configura como um dos espaços reservados da casa.

FIGURA 09: REFEITÓRIO



(Fonte: autoria própria)

11- Lavanderia

Neste espaço há duas máquinas grandes de lavar roupa, um tanque e um armário embutido de madeira. Neste local são lavadas as roupas tanto dos acolhidos quanto dos toqueiros. Nos armários são guardadas cobertas, algumas peças de roupas e toalhas de banho. Em geral, foi perceptível a intenção de deixar tudo devidamente etiquetado e separados criando categorias entre tipos de roupas e finalidade já que alguns desses itens são separados previamente para serem distribuídos durante a Pastoral de Rua.

12- Tanques de lavar roupa

Trata-se de um espaço singelo, coberto, onde são lavados os panos da casa. Nele, algumas pessoas em situação de rua, podem lavar suas peças de roupa. Quando isso ocorre, as peças são deixadas no Instituto para secarem. Posteriormente, para serem entregues, é combinado um local e horário com um dos toqueiros. Ou então as pessoas retornam para recolhê-la.

13- Depósito

Ambiente restrito, aqui são guardas sobretudo mercadorias de limpeza, alguns objetos de decoração, organizados em prateleiras dispersas em "U", e maquinário do Instituto.

14- Cozinha industrial

Em uma área externa da casa está localizada uma cozinha industrial, dotada de equipamentos mais profissionais em relação à outra, como fogão, fornos, estufas, geladeira e balcão industriais e de inox. Nela são preparados os pães que são vendidos no final de semana. Em momentos pontuais pode ser usada para outros tipos de preparos, como bolos para festas de aniversário.

15- Quarto e cobertura onde são guardadas doações

O quarto em questão é um pequeno espaço que há atrás da cozinha, com entrada separada desta. Nele são guardadas a maioria das roupas recebidas pelo Instituto como doação.

Devido à alta quantidade, os donativos também passaram a ser dispostos na garagem coberta do instituto. Desta forma, este ambiente além comportar a Kombi e a Doblò pertencentes ao instituto, também acomoda inúmeros sacos e caixas de roupa e outros tipos de objetos que chegam por dação.

16- Pátio

Este pátio está posicionado bem no centro do Instituto, como pode ser observado.

FIGURA 10: PÁTIO



(Fonte: autoria própria)

Nele há uma iconografia de Nossa senhora de Fátima em gesso branco. Ao seu redor foram plantadas algumas flores, por um dos toqueiros já consagrados. Chama a atenção o cuidado com a manutenção e a simetria da disposição dos elementos no local.

Durante a pesquisa de campo, no local foram realizadas algumas celebrações campais, como por exemplo a oração por meio do Terço. Nestes momentos, de celebração aberta, há uma participação mais expressiva dos acolhidos

17- Escritório da assistente social

Trata-se de um ambiente restrito, aqui é o local de trabalho da Assistente Social da Toca de Assis de Londrina. Já trabalhando há um tempo no Instituto, somente durante esta pesquisa houve um contato mais frequente com a funcionária.

Ela é responsável por fazer a triagem dos acolhidos e de estabelecer contato com suas famílias. Também pensa em ações recreativas e atua na organização de eventos e momentos de lazer, como saídas e o "Natal Com Os Pobres".

18- Sacristia

Configura-se com um outro ambiente de acesso restrito. Nele são guardados os objetos litúrgicos da casa, como bíblias, ostensório, incensos, sinos, dentre outros. Chama a atenção o cuidado especial que se tem com este espaço.

Sua manutenção é realizada por um único toqueiro, e é revezada em rodízio. Tudo que envolve a limpeza do espaço e dos objetos ali contidos é feita de forma separada com as

demais. Os produtos são somente para aquele ambiente. Os tecidos são lavados e postos para secar separados dos demais da casa, a água despendida é usada para irrigar as plantas, e, baldes e varais usados são reservados para a atividade.

Neste espaço há um espelho que reveste por completo uma parede. Em sua frente há um armário embutido, onde são organizados as vestimentas e tecidos utilizados durante a celebração. Em uma outra parede há um balcão, onde são organizados livros litúrgicos, bíblias, e demais objetos.

19- Capela

A capela da casa está localizada em um lugar central, de modo que dificilmente é possível circular pelo Instituto sem passar por ela. É perceptível que todas as vezes em que religiosos e leigos próximos ao movimento caminham diante dela, é feito um sinal de reverência, seja dobrando o joelho esquerdo ou curvando-se. Considerando estes elementos, pode-se refletir sobre a centralidade que o espaço ocupa no cotidiano da Toca de Assis, já que toda movimentação e conduta de seus participantes passam por esta dimensão do Instituto, materializando-se aqui neste espaço sacro.

Na capela há alguns bancos de madeira ordenados em duas fileiras laterais. No fundo da capela pode ser encontrados alguns instrumentos musicais, como teclado, órgão, violão e um baixo. Em dias com clima mais quente, também há um ventilador de barra neste espaço, que é ligado para circulação de ar. Durante as celebrações, as pessoas que vão realizar o canto ou tocar algum instrumento permanecem neste local.

Em uma das laterais a parede é toda formada de vitrais, que permitem visualizar a entrada do instituto.

Já na parte da frente da capela está o presbitério. No fundo é possível observar uma parede pintada de branco e no seu centro está localizado o Sacrário. Ao redor do sacrário a parede é revestida de pedras rústicas. E a partir desta moldura, saem algumas faixas verdes pintadas na parede, que se contrastam com a pintura branca, criando uma espécie de vãos em formas de "raios". Já acima do sacrário há um crucifixo na parede.

No centro do presbitério, diante do sacrário, está o Altar. Seu apoio é uma mesa de madeira em tom claro e amadeirado. De forma geral, no Altar, sempre estão dispostas seis velas, proporcionalmente ordenadas e enfileiradas. E geralmente, no centro do Altar está o ostensório com a Eucaristia para a adoração. Do lado direito do altar há alguns acentos, dependendo da celebração, nele descansam os acólitos, religiosos consagrados da Toca de Assis que auxiliam os padres durante as missas. Um pouco mais a frente está um púlpito, usado durante algumas

leituras litúrgicas. Já o lado esquerdo do altar possui uma iconografia de Nossa senhora de Fátima, toda em branco.

FIGURA 11: CAPELA



(Imagem publicada na página oficial da Instituto no Facebook, em 11 de Fevereiro de 2020)

Por fim, antes de qualquer celebração é tocado um sino, que está ao lado direito da porta de entrada, na parede lateral oposta às dos vitrais. No momento da entrada as pessoas retiram seus calçados, apesar de não ser uma regra explícita e não envolver nenhum tipo de punição, e antes de se sentarem, caminham em dupla até o Altar, e diante dele fazem reverência dobrando o joelho direito. O mesmo movimento ocorre antes da saída da capela.

20- Sala de formação

Ao lado da capela está localizada uma sala usada para formação. Neste ambiente há uma lousa de giz, e outro quadro branco de caneta pincel. Também consta um notebook e um projetor. Carteiras escolares ordenadas em fileiras e uma pequena mesa de madeira compunham o espaço.

A sala é usada durante as formações dos jovens que recém adentraram no movimento. A partir de alguns relatos, é possível dizer que durante essas formações os jovens assistem vídeos formativos, leem e debatem textos religiosos e passagens bíblicas. Também são apresentados à algumas princípios e dogmas da Igreja Católica.

Em momentos pontuais a sala pode ser usada para outros tipos de formação, como por exemplo para escolha e preparo de cantos que seriam usados em uma celebração e ensaio de apresentação em um teclado que há no local.

21- Banheiro

É um espaço amplo, ao lado da sala de formação, mas já entrando em um corredor que leva à uma área mais reservada do Instituto. Em seu centro há uma parede de concreto que não chega ao teto, mas que o divide em dois ambientes. Do lado direito há várias cabines de

sanitários, e na parede localizada na frente destas cabines há alguns tanques. Já do lado esquerdo há duchas para banho, e na sua frente, há um balcão com pias e espelhos em toda estrutura.

Este banheiro é usado pelos acolhidos e toqueiros para banharem-se, e fazerem sua higiene pessoal.

22- Quartos dos acolhidos

Neste recinto estão localizados os quartos dos acolhidos. Os idosos dormem em camas separadas, e ao lado de cada cama há um pequeno armário onde podem guardar suas coisas, como roupas, coberta e toalha, mas estes itens não são de uso exclusivo de uma única pessoa. As camas contêm em sua cabeceira o TAU, símbolo típico da Toca de Assis.

23- Sala de estar dos acolhidos

É um espaço de socialização voltado especialmente para os acolhidos. Nela há um aparelho de TV e sofás.

É interessante apontar algumas observações relacionadas ao uso da TV: ele se dá em horário estabelecido, sendo vedado assistir alguns programas, como por exemplo novelas. Jogos, filmes e jornais são permitidos.

24- Quarto do acolhido

Espaço semelhante ao que foi descrito no tópico "22"

25 (a, b, c) - Clausuras

As clausuras são os dormitórios dos toqueiros. São alguns dos ambientes mais restritos do Instituto, apesar de ser coletivo. O quarto é dividido em média entre 4 pessoas. Durante a pesquisa de campo, o ambiente é descrito tendo um armário com algumas partes, essas partes é para uso individual de cada pessoa, nele é possível o toqueiro guardar seus pertences pessoais. Também há uma mesa para estudos, e colchões onde os jovens dormem.

No Instituto há um varal para pendurar roupas. Este espaço está atrás das clausuras, e em alguns momentos foi possível observá-las pelas janelas. É curioso que as janelas apesar de seguir uma padronização, são diferentes entre si, e possivelmente revelam o perfil dos jovens que ali estão. Algumas destas janelas tinham toalhas nas grades, o que impossibilitava a visão; outras estavam abertas, e tornava possível ver a organização do espaço interno, e outras eram ornamentadas com pequenos vasos de plantas.

FIGURA 12: CLAUSURA



(Fonte: autoria própria)

26- Sala de estar coletiva

A sala de estar é um ambiente novo no Instituto, pois não existia anteriormente. Suas paredes beiram a cor salmão, porém, em uma delas há uma lousa de giz, onde é possível observar gravuras, desenhos e mensagens possivelmente realizadas pelos jovens do instituto. Na parede oposta à essa há uma mesa com notebook e impressora, em alguns momentos durante o campo ela era deslocada de lugar. Já em uma outra parede havia uma televisão sobre uma estante de madeira.

FIGURA 13: DESENHOS NA LOUSA DA SALA DE ESTAR



(Fonte: autoria própria)

Os elementos que remetem à madeira ou tons terrosos estão sempre presentes, sobretudo nesta sala. Nela há algumas poltronas e mesa de centro, todas elas feitas em madeira em um estilo rústico. Sobre essa mesa há pequenos vasos de plantas e alguns jogos de tabuleiro.

A sala é usada por diferentes sujeitos, toqueiros utilizam-na para fazerem buscas pontuais e autorizadas na internet ou escutar músicas, acolhidos e visitas assistem TV, outros estão ali como refúgio e ambiente de descanso. Em geral, todos de forma simultânea e não-privados.

27- Quadra de esporte

Na casa, como pode ser percebido há uma quadra de esporte. Frequentemente era relatado que alguns dias específicos da semana os toqueiros reservavam para a prática de algum exercício físico. Algumas vezes até com a participação de leigos ou outros visitantes.

Tal prática é colocada como necessária, tanto para uma saúde e condicionamento físico quanto para a manutenção de um bem estar mental.

28- Área de lazer

Estes ambientes assemelham-se à uma espécie de quiosque. Em um lugar bem arborizado, são uma espécie de ilhas repletas de bancos. Algumas delas poderiam ser cobertas e outras não.

Frequentemente o espaço foi utilizado durante as entrevistas por ser um lugar calmo, com pouco fluxo de pessoas. O espaço muitas vezes era sugerido pelos próprios toqueiros. Talvez seja pelo caso de os jovens realizarem naquele local sua partilha com seu Irmão Formador.

Já em relação às formas que eles usam, vivenciam e percebem o tempo na Toca de Assis, quando nos atentamos a ele, é possível observar que há uma busca por expressarem suas percepções de harmonia no próprio uso do tempo. Ademais é possível observar que as tarefas dos toqueiros se fundamentam sobretudo a partir das atividades religiosas propostas pelo

movimento. Os afazeres domésticos e recreativos são deslocados para um segundo plano. Isto é importante porque a dedicação às funções religiosas por parte dos toqueiros só se torna possível pela rede de apoio dada à casa, constituída pelos leigos e alguns funcionários.

Com isso, percebe-se que para além de um marco espacial em si, a casa tem diferenças no seu ambiente, em seus espaços internos. Alguns espaços são percebidos e tratados com maior sacralidade. Desta forma não só o espaço, como também o tempo vivenciando em certos espaços internos são vistos como mais sagrados. Em suma, ainda que o próprio Instituto seja em si, para os toqueiros, um espaço e tempo do sagrado, internamente há uma busca em destacar momentos ordinários dos extraordinários em seu interior. Sendo isto realizado por meio de diferentes estratégias, sendo a mais comum o badalo de um sino.

Por meio destas relações, podem ser destacados dois momentos na rotina do Instituto: a Adoração ao Santíssimo e a Liturgia das Horas. A adoração ao Santíssimo é realizada de forma contínua, ao menos uma hora por dia por um toqueiro. Em alguns momentos, outras pessoas podem acompanhar e participar da celebração. A colaboração do público externo ocorre sobretudo durante as "*40 horas de Adoração*", evento já tradicional no movimento, no qual ocorre um aumento no número de visitantes. Leigos e grupos de jovens com interesse de ocupar a capela realizam a contemplação que se estende por quarenta horas ininterruptas.

Já a Liturgia das Horas consiste em celebrações litúrgicas realizadas em momentos específicos do dia, denominadas pela Igreja Católica como *Horas Litúrgicas*, sendo elas: *Laudes*, realizada pela manhã; *Hora Média* celebrada ao meio do dia; a próxima é a *Vésperas* que ocorre no final da tarde e *Completas* realizada durante a noite. Delas, a *Véspera* é a que possivelmente tem a maior duração, pois nela também é realizada a *Sublime*, momento de oração e adoração que todas casas da Toca de Assis realizam de forma simultânea.

Em relação à importância da Liturgia das Horas para o movimento, um dado curioso é relacionado à celebração das *Laudes*: a ideia é que esta oração também seja as primeiras falas dos jovens no dia. Logo, antes da celebração os toqueiros não se cumprimentam, não conversam entre si. O significado desta postura é que a “primeira palavra do dia seja destinada à Deus”.

2.2 FORMAS DE SUSTENTABILIDADE E MANUTENÇÃO DA CASA

A ideia é que no Instituto seja estabelecida uma relação horizontal entre seus membros. Ou seja, que não haja sobreposição ou criação de status que os diferenciem e hierarquizem. Um dos momentos que revela este princípio são os momentos de partilha coletiva praticada entre os religiosos. Apesar desta ocasião não ser acompanhada durante a pesquisa, os jovens relatam que se trata de uma situação onde têm possibilidade de externalizar suas vivências e impressões que vêm tendo no Instituto. Nesta ocasião também é possível externalizar desapontamento e críticas em relação à postura de outros membros da casa. Portanto trata-se de um momento de desabafo e confidencialidade.

Por outro lado, no dia-a-dia da casa é possível observar uma relação de subordinação de alguns membros em relação a outros, sobretudo em relação aos *guardiões* e *formadores*. Os guardiões são os religiosos já consagrados e responsável pela gestão da casa. São escolhidos por meio do Concílio Geral. Trata-se de uma reunião realizada com regularidade que unem os membros do Conselho Geral do movimento bienalmente. Neste encontro há alinhamentos de projetos e pode haver realocação de membros de suas funções ou Institutos. Quando definidos os guardiões da casa, eles se tornam responsáveis por toda organização pessoal, financeira e burocrática do Instituto. Já o Irmão Formador é encarregado de pensar estratégias formativas e pedagógicas para constituição da espiritualidade da Toca de Assis que serão aplicadas aos jovens que aderirem ao movimento. Ele fica incumbido de ensinar-lhes as Doutrinas Católica, regras litúrgicas, história e conceitos do catolicismo, dentre outros conteúdos que fazem parte da formação de um toqueiro.

A manutenção da casa é feita contando com uma rede de apoio. Ela é realizada tanto por leigos, quanto pelos religiosos e acolhidos. Os leigos ajudam na organização de eventos e ações; e na colaboração de atividades domésticas e recreativas. Os acolhidos não têm a obrigação de ajudar nos afazeres domésticos da casa, mas são incentivados a fazê-los, sobretudo a conservação do recinto onde ficam. São estimulados a trocar as roupas de suas camas, varrer a calçada da entrada do Instituto e outras áreas, respeitando a condição e particularidade de cada um. As atividades desempenhadas pelos acolhidos são vistas com bons olhos, já que são compreendidas como possibilidade de eles conservarem um bom condicionamento físico. Portanto, por mais limitada que seja realizada a atividade, não há reprovação.

Com o suporte dado por essas pessoas, os toqueiros conseguem se dedicar à outras atividades, sobretudo relacionadas ao carisma e organização burocrática do Instituto. Neste momento, torna-se relevante mencionar que nesta casa a maioria dos membros são de recém

ingressos. Logo, grande parte do dia destes jovens é ocupada pelas atividades formativas. As atividades domésticas da casa são divididas e organizadas em forma de rodízio. A intenção é que todos os membros, sobretudo os mais novos, conheçam e passem por diferentes rotinas e demandas do Instituto. Sempre que alterada, é impresso uma relação, com o atual papel de cada um, e esta é disponibilizada no painel informativo, ao lado da entrada da biblioteca do grupo.

Ao pensar as tarefas domésticas, pode-se dizer que elas aparecem como um elemento de relativa importância na constituição da espiritualidade toqueira, mas não fundamental. Isso porque tais atividades envolvem diferentes dimensões. As mais explícitas são a renúncia e a obediência, pois os membros não escolhem as tarefas que querem desempenhar. Ademais, por se tratar de uma casa formativa, o objetivo é preparar estes jovens para as exigências que podem surgir em outros Institutos.

As principais fontes de renda da casa, para sua manutenção e até desenvolvimento de atividades como a Pastoral de Rua, se dão pela comercialização de pães produzidos no próprio Instituto, venda de produtos na loja online no site oficial do movimento, algumas ações pontuais e as doações realizadas pelos leigos. De forma geral, por meio dessas estratégias de capitalização é possível pensar que, apesar de não serem a finalidade do movimento por meio delas as atividades centrais da casa são mantidas e sustentadas. Ademais, como já refletido no capítulo anterior, tais ações também revelariam o quanto o movimento está imerso em um contexto contemporâneo e busca de forma constante um diálogo com ferramentas seculares e com costumes e tendências típicas de nosso tempo. Neste momento, este fenômeno torna-se explícito pela a venda online de produtos e mercadorias customizadas como provedores de identidade.

Descrevendo a venda de pães, é possível dizer que eles são produzidos nos dias que antecedem o final de semana. Envolve um número razoável de pessoas, desde leigos, religiosos e acolhidos. Estas pessoas organizam-se por meio de rodízio, desta forma, são formados pequenos grupos e divide-se as funções entre eles. São raras as exceções onde há uma única pessoa envolvida na ação. Depois de finalizados eles são vendidos em algumas Igrejas da cidade. Tal Igrejas autorizam os toqueiros a realizar as vendas dos pães em horários específicos de missas.

FIGURA 14: VENDA DE PÃES



(Fonte: autoria própria)

Os toqueiros responsáveis pela venda chegam momentos antes do início do ato litúrgico e deixam as coisas semi-organizadas e se direcionam para dentro da capela para assistirem a celebração. Posteriormente, se retiram momentos antes do término da missa, terminam a organização da mesa de pães e se posicionam para venda. Durante a pesquisa de campo foi possível observar que alguns fiéis já estão fidelizados, logo, já tomando como hábito a compra de pães dos toqueiros, levando uma quantia a mais de dinheiros naquele dia específico para realizar a compra.

Já a loja online do movimento existe há um tempo, porém, durante as visitas foi possível notar um processo de ampliação de sua atividade. Tal impressão deve-se ao fato que em momentos anteriores era observada uma espécie de "lojinha" em um dos pátios do edifício, logo na entrada, como descrito na seção anterior. Mas, durante as visitas mais recentes, foi constatado que o lugar perdeu sua funcionalidade anterior, e hoje é usado como um "depósito", onde são deixadas caixas, pertences de visitantes, ou objetos. Simultaneamente, foi observada uma tendência de a maior parte da venda dos produtos ser realizada pela internet.

Já em relação às ações de arrecadação de verba para o movimento, elas são diversificadas e realizadas de forma pontual. Variam desde churrasco de costela fogo de chão até organização de brechós, sendo esta a atividade mais recorrente.

Esses eventos contam com um número significativo de pessoas envolvidas, sobretudo leigos e religiosos. De forma geral, observa-se que além do objetivo financeiro, tais eventos também fortalecem os vínculos internos da casa. Desta forma uma outra função que esses momentos teriam é a de manutenção de laços afetivos e de integração social. Para seu êxito, esses eventos são divulgados de forma massiva na internet, principalmente nas redes sociais do movimento.

Como pode ser observado abaixo

FIGURA 15: DIVULGAÇÃO DO EVENTO "COSTELA FOGO DE CHÃO"



(Imagem publicada na página oficial da Instituto no Facebook, em 14 de outubro de 2019)

Em relação à última fonte de renda menciona anteriormente, as doações realizadas para o Instituto são feitas de diferentes formas: contribuição financeira para despesas fixas ou previstas pela casa; repasse de produtos; ajuda nas atividades e manutenção do Instituto ou valor fixo doado por mês.

2.3 PRINCIPAIS EVENTOS DO INSTITUTO

A pesquisa de campo possibilitou a participação em alguns eventos promovidos pelo movimento. Dentre eles, dois merecem destaque neste momento: o Natal com os Pobres e a Festa Junina.

Ambos eventos foram realizados com colaboração dos leigos e das Filhas da Pobreza do Recanto Eucarístico São Francisco de Assis. Em relação à Festa Junina, ela ocorreu no próprio recanto das Irmãs em Santópolis/ Paraná. O objetivo da festa era de promover um momento de confraternização, tanto que foi aberta à comunidade. Foi acordado entre os participantes do evento a contribuição de diferentes doações, sobretudo pratos de comida e mão-de-obra. Os Irmãos da Pobreza chegaram com um tempo de antecedência, para colaborar na organização do espaço. A ajuda foi sobretudo com o deslocamento e organização dos objetos.

Foram criados três ambientes para o evento. Na casa das jovens ocorria o armazenamento e o preparo dos alimentos. Ao lado, em um grande quiosque, foram organizadas cadeiras e providenciado um altar. Ao lado do altar havia um espaço para a banda e cantores que iriam contribuir com a celebração. E na sequência, ao lado deste quiosque, em um grande campo, foram montadas várias cabanas, dispersas uma ao lado da outra em forma de um grande círculo. Um pouco mais ao fundo havia um palco e ao seu lado uma fogueira.

Em um primeiro momento, depois de organizados os espaços, foi celebrada uma missa campal. A quantidade de pessoas no evento foi grande, tanto que os lugares providenciados não foram o suficiente e o quiosque não comportou em seu interior todas as pessoas. Desta forma muitas se posicionaram em pé ao redor da estrutura. Após o término da missa foi iniciada a festa junina. Os alimentos da festa em sua maioria foram distribuídos de graça, apenas algumas bebidas ou alimentos específicos foram cobrados. Além de alimentos e bebidas, a Toca providenciou uma tenda, sob cuidados das Filhas da Pobreza, onde foram colocados objetos do movimento à venda, como terços, imagens religiosas, crucifixos, colares, bolachas produzidas pelas Irmãs, dentre outros. Com o avanço da comemoração foi improvisada uma "quadrilha". Sem ensaio prévio, religiosos, leigos e acolhidos montaram uma grande roda em pares e começaram o cortejo típico desta festividade. Neste momento, a maioria estavam com vestimentas típicas, inclusive os religiosos, que improvisaram camisas xadrez sobre suas vestes e chapéu de palha sobre a tonsura.

FIGURA 16: FESTA JUNINA



(Fonte: autoria própria)

Com o avançar da noite e o término da festa, os espaços foram organizados e limpos com a ajuda de um mutirão de pessoas que ainda estavam no local. A viagem de retorno para Londrina foi inusitada. Os toqueiros mesmo dentro da kombi, ainda estavam contagiados por uma grande animação. Os jovens colocaram algumas músicas, todas elas religiosas, mas foram cantando, improvisando batuques em objetos durante todo percurso. O momento é curioso porque tenciona várias expectativas que o senso comum cria em relação à uma vida religiosa, como apontado frequentemente pelos toqueiros durante a pesquisa de campo.

Por sua vez, o Natal com os Pobres já é um evento tradicional e realizado de forma unificada com todas as casas do movimento. Realizado em dezembro de 2019 a festa é voltada para a população em situação de rua da cidade de Londrina. Ao todo, a estimativa é que 215 pessoas foram atendidas durante o evento, deste número, 182 afirmaram estar em situação de rua. Os demais são interpretados pela assistente social do Instituto como sendo moradores próximo ao local ou pessoas em situação de pobreza, mas não necessariamente em situação de rua. Todos esses dados foram contabilizados e divulgados por ela. Por meio de parceria com a prefeitura local, é cedida uma escola para a realização da festa. Nela são ofertados diferentes serviços para o público em questão, como cabeleireiro masculino e feminino, maquiagem, barbearia e banho. Durante a festa também é oferecida alimentação para os convidados, como café da manhã, almoço e lanche da tarde. Nos intervalos entre as alimentações são realizadas diferentes atividades recreativas, desde músicas, campeonato de dança, jogo de ping-pong e distribuição de brindes para os vencedores. Os brindes geralmente eram bonés e camisetas de torcida de futebol.

Apesar do evento durar apenas um dia, seus preparativos ocorrem com alguns meses de antecedência. Para que ele suceda, um dos religiosos toma frente da organização com o apoio da assistente social do Instituto. Segundo seu relato, é levantado quantos Amigos da

Toca de Assis têm interesse em atuar como voluntários. Com isso, são divididas comissões e coordenadores responsáveis por estas comissões. Reuniões são realizadas mensalmente, mas na proporção que a data do evento vai se aproximando os encontros tornam-se mais frequente, a ponto de serem semanais. No dia do evento, as pessoas assumem seus postos estabelecidos com antecedência, e orientam voluntários que possam surgir no momento. Ao todo houve cerca de 150 voluntários envolvidos de diferentes formas, e todos aqueles que estavam no local usaram um colete com cores e símbolos da Toca, onde na parte inferior traseira estava escrito "apoio".

FIGURA 17: NATAL COM OS POBRES



(Fonte: autoria própria)

Uma outra atividade de extrema importância para casa é Pastoral de Rua realizada às Terças- Feiras. A atividade busca expressar um dos principais elementos da espiritualidade toqueira: o cuidado com os pobres. Durante as visitas de campo foram observadas duas formas de organização da atividade: uma com maior número de leigos participando e outra com uma participação maior de religiosos. Essas duas organizações são realizadas quinzenalmente de forma alternadas, logo, toda semana há a realização da Pastoral de Rua, mas em cada semana voltada para um perfil de participantes.

Os preparos para ação são iniciados ainda durante a tarde. Com antecedência, alguns leigos chegam na casa para iniciar o preparo da comida que é distribuída e a separação de itens que são levados para doação. Sempre são preparados um prato de comida e uma bebida. Os pratos de comida são montados de acordo com a disponibilidade de alimentos na casa, variando desde comidas como arroz, feijão, macarrão, à sopa ou sanduíches. Em geral a refeição é organizada em marmitas de alumínio, enquanto os sucos são colocados em grandes garrafas térmicas, e depois, no local, servidos em copos descartáveis. Quando tudo está organizado e todos estavam no Instituto, foram feitas algumas recomendações e alinhamentos de conduta.

A depender de vários fatores, como a quantidade de refeições, do dia e pessoas colaborando na Pastoral, há possibilidade de desmembramento do grupo para que haja um maior número de rota percorrida, e consequentemente uma ampliação de pessoas em situação

de rua atendidas. Além das marmitas e sucos, durante a ação também são distribuídos alguns utensílios de higiene pessoal e peças de roupas.

Por meio da pesquisa de campo, foi possível constatar que a atividade proporciona uma grande visibilidade à Toca de Assis, fazendo com que os toqueiros sejam conhecidos pela cidade, inclusive as rotas que percorrem. Ademais, foi possível identificar algumas estratégias que adotam para viabilizar a ação, como por exemplo táticas de distribuição e armazenamento de peças.

FIGURA 18: PASTORAL DE RUA



(Imagem publicada na página oficial da Instituto no Instagram, em 19 de Fevereiro de 2020)

Ao decorrer da Pastoral de Rua é notado um modelo de comportamento: de forma geral, a atitude que tantos leigos e religiosos buscavam ter é de abordar os Irmãos de Rua e questioná-los seu nome e como estão. Quando já eram conhecidos, as pessoas em situação de rua já eram chamadas pelos nomes ou apelidos, e buscava-se saber como se encontravam, quais estavam sendo suas vivências. Tais episódios revelam uma das principais intenção da Toca de Assis ao realizar a Pastoral de Rua, ao mesmo tempo que buscam responder uma das críticas mais recorrentes que sofrem: suas ações se propõe em estabelecer um vínculo com as pessoas que não se restringe à somente distribuição de alimentos. Mas sim, atribuir à essas pessoas o que o grupo considera como um dimensão humana: conhecer seu nome, trajetória de vida, sonhos, medos, outras necessidades e também suas alegrias.

2.4 MODELOS DE TEMPO E ESPAÇO NA TOCA DE ASSIS

Ao levar-se em consideração a organização do espaço e do tempo na Toca de Assis, pode-se julgá-los como um dos alicerces da espiritualidade toqueira. De imediato, é possível afirmar que uma de suas finalidades seria a pedagógica. Ou seja, afetariam de forma direta na construção do conhecimento e da subjetividade dos membros do movimento. Quando se observa a história do catolicismo, percebe-se que constantemente sua iconografia foi usada como uma forma de evangelização, e ainda hoje consolida-se desta maneira. Por meio delas é expressada a cosmovisão de seus produtores e do universo que está inserida, resultando na manifestação de uma moral que proporciona uma exaltação de princípios que são valorizados pela Instituição, ao mesmo tempo que promove a reprovação das ideias que são tidas como desviantes. Observa-se, portanto, a iconografia como uma ferramenta de construção de uma narrativa normativa e socialmente compartilhada, além de constituir-se como um importante protagonista na experiência religiosa (BAXANDALL, 1991).

Desta forma, ao considerar a iconografia da casa, pode-se afirmar que por meio das imagens é buscado inspirar uma devoção, e de conduzir e apresentar aos fiéis aspectos dos carismas do movimento, logo, haveria uma teologia e evangelização por meio das imagens. Por conta disso, mesmo com uma riqueza de detalhes, as imagens têm que ser facilmente compreendidas, para que qualquer pessoa possa contemplá-las principalmente as que são pouco letradas, pois, por meio delas, poderiam conhecer e constituir sua religiosidade.

Com o que vem sendo exposto, as imagens sacras possibilitam uma reinterpretação da doutrina católica. Assim como Menezes (2004) observa em relação às homilias dos padres, a arte sacra não apenas catequiza os fiéis, mas também atualiza a doutrina, existindo assim um duplo fenômeno, de conservação e atualização do ethos religioso católico.

Lopes (2010) apropria-se desta análise e ao avaliá-la, considera uma outra dimensão que resulta no conceito de *representações codificadas*. Com isso, o autor considera as imagens como "representações codificadas da realidade" (LOPES, 2010; p. 23). Por codificação entende-se um processo de tradução de uma ideia em representações de símbolos transmitidos por meio de algum tipo de canal. Este processo estaria condicionado por seu contexto histórico. Ou seja, por mais que a mente humana tenha capacidade de mentalizar e criar imagens e objetos, a produção destes sofreria influência e limitação de diferentes fatores culturais. Por consequência, estes mesmos elementos não estariam descolados de sua realidade, já que poderiam revelar tanto demandas estéticas e condições técnicas e materiais, quanto costumes sociais, como por exemplo as demandas estéticas e a forma que o real é compreendido.

Com tudo que vem sendo dito até o momento, e considerando as análises supracitadas, pode-se afirmar que a ordenação do espaço-tempo sacro se constitui pela íntima relação de dois fenômenos: sua ordenação está intrinsecamente ligadas com os princípios morais no interior do movimento, ao mesmo tempo que orientam a construção do mesmo e o conserva. Tal compreensão é sustentada por outros estudos realizados anteriormente como os de Baxandall (1991); Latour (2012), Silveira e Filho (2005); Lopes (2010) e Menezes (2004) Rosendahl (2008) Souza (2012) .

Sobre esse processo Silveira e Filho (2005; p.43) afirmam:

Trata-se de um movimento para dentro e para fora de si mesmo. Para dentro, como um movimento centrífugo, nos leva à reflexividade, a um diálogo com nossas visões de mundo e apreciações ético-estéticas sobre “as coisas” que constituem o mundo, pelo prisma da subjetividade e do caráter pessoal. Por outro lado, quando o movimento se direciona para fora, revela-se a sua dimensão centrípeta, que permite uma leitura sobre a cultura do outro, pela constatação da diferença, que, nesse caso, se insurge como alteridade vivida na radicalidade do relacional e do interativo, apontando para a complexidade social, a política e a ética. Sendo assim, esse processo comunicacional é sempre uma experiência antropológica, posto que os objetos, ao materializarem o que e como os homens pensam e por indexarem um processo comunicativo, revelam uma parcela da expressão cultural sobre a qual o saber antropológico se debruça, revestindo-se, ainda, de valor documental.

Ao considerar este fenômeno em suas múltiplas dimensões ocorre um processo de reconsideração dos papéis dos objetos, da espacialidade e temporalidade do território sagrado e por consequência passam a ser tidos de uma forma ampliada. Eles são deslocados de uma posição passiva, fria e estática, para uma posição ativa sobre a experiência religiosas dos toqueiros. Isso significa afirmar que para além de sofrer ações e estar submetido a vontades de terceiros, eles também atuam sobre a religiosidade dos fiéis, tendo a capacidade de potencializá-las ou limitá-las. Logo, a provocação feita neste momento é que para além de elementos estritamente *significados*, com uma função e sentido já atribuído externamente, esses diferentes fatores também sejam considerados como *significantes* (Latour, 2012).

Esta similitude de processos, já foi observada anteriormente no interior do mesmo Instituto durante a monografia, que naquele momento possibilitou a seguinte reflexão:

Desta forma, o espaço e a temporalidade da casa são tidos como meios de comunicação e de expressão da comunidade com o externo. Além disso, pode-se considerá-los como meios de orientação para as práticas e comportamentos de seus membros. Havendo desta forma uma relação cíclica, pois ao mesmo tempo que ocorreria uma exteriorização por parte dos fiéis sobre as suas concepções de sagrado, por meio dos ritos e dos símbolos, os mesmos ritos e símbolos os conduziram a uma experiência religiosa, proporcionando-os uma conexão com o sagrado (RODRIGUES, 2017; p.59).

Considerar o tempo e espaço como agentes de comunicação e formadores da espiritualidade toqueira, significa julgar que tais elementos são usados como forma de expressão de uma identidade religiosa, uma manifestação de si no mundo, ao mesmo tempo que condiciona a experiência com o real. Logo, para além de mediadores entre o real e sobrenatural, o território e temporalidade religiosos são marcadores de fronteiras entre o "Eu" e a alteridade. Desta forma, podem ser tratados como modelos e matrizes identitárias e socializadoras (Rosendahl, 2008). Com isso, pode-se considerar que este processo exerceria profunda influência sobre a própria definição e limitação entre os Sagrado e Profano já que há uma relação de coexistência entre essas duas dimensões, ou seja, uma só se definiria em função da outra.

A partir desta reflexão, e ao atrelá-la com as descrições feitas anteriormente, pode-se considerar, que por meio da relação que os toqueiros estabelecem com o tempo e o espaço, são criadas uma espécie de classificação hierárquica, que por si, divide todo real em duas dimensões básica: Sagrado e Profano. O Instituto em si já é considerado um território sacro, onde ocorre a manifestação do Divino. Daí a preocupação de diferenciá-lo com o externo através de diferentes estratégias, seja por meio da fachada fechada, da temporalidade sendo regida por uma visão encantada de mundo, espaços simétricos e arborizados, e iconografia católica em todo espaço da casa. A intenção com isso é criar uma cotidianidade, a ideia de um espaço e tempo recortados da realidade, e consequentemente contínuo e seguros, isento de contradições, inclusive de uma forma ontológica. Retomando reflexão já feita na monografia que antecede esta dissertação, pode-se observar que

pode-se questionar a crença em uma separação brusca e total, com fronteiras delimitadas entre o espaço sacro e o "mundo exterior", profano. Assim como Menezes (2004) notou referente ao convento onde estudou, há um "certo jogo entre 'dentro' e 'fora'" (MENEZES, 2004; p.73), já que diferentes elementos "do mundo" se fundem em seu interior com elementos sacros. Ou seja, mesmo buscando ter uma singularidade que diferencia seu tempo e espaço com o do espaço externo na intenção de provocar nos moradores uma sensação de "saída do mundo, fuga do presente" (MENEZES, 2004; p. 74), esta ruptura não pode ocorrer de forma efetiva e plena. No caso da Toca de Assis, um dos fatores que marcariam esta ambiguidade seria o fluxo diário de pessoas que passam pelo instituto. Durante a pesquisa de campo foi possível observar uma constante presença de visitantes e voluntários no instituto dos mais variados perfis e em diferentes momentos. Além disso, foi constante a presença de pessoas em situação de rua que iam apenas para tomar banho e lavar suas roupas. E as constantes saídas dos toqueiros às ruas. Ou seja, mesmo não se tratando de uma casa contemplativa, a ideia de ruptura com o mundo pode ser flexibilizada observando-se a materialidade e a cotidianidade do instituto na medida que eles nos relatavam a frequente atuação mútua e íntima dessas duas dimensões (RODRIGUES, 2017; p.53)

Logo, para além da classificação binária entre Sagrado e Profano, haveria no interior destas categorias graus de importância e superioridade, desencadeando assim em subclassificações relacionadas a diferentes tempos e espaços.

Portanto, pode-se pensar em zonas de distanciamento, levando a hipotetizar que a divisão não se constituiria de forma brusca, e poderia até mesmo haver fluidez entre as fronteiras. Para além de ritos de passagem, e sinais de divisão entre profano e sagrado, aqui está sendo instigado considerar-se "*espaços menos sagrados*" e "*mais sagrados*", definidos principalmente por meio de ritos de passagens e sinais internos, que os subdividem.

É interessante considerar que esta classificação seria feita a partir do indivíduo. No caso aqui tratado, os toqueiros. Logo, o critério seria a da identidade que aqueles espaços e tempo oferecem. Quanto maior o sentido que determinado território e período fornece para o indivíduo, mais estreita vai ser a ideia de familiaridade criada. Logo, o distanciamento, o outro, inclusive espacial e temporal, é criado a partir do "Eu". Ou aquilo que fornece o reconhecimento do "Eu".

Desta forma, pensando espaço e tempo, a religiosidade do toqueiro seria construída a partir de uma relação dual entre o familiar e o estranho. E o pano de fundo por trás seria a construção do conhecimento de si. Aproximando aqui os conceitos de Caos e Cosmos sistematizados por Mircea Eliade (1992), pode-se dizer que autor considera que as comunidades tradicionais poderiam ser caracterizadas pela oposição que criam entre o espaço conhecido, o Cosmos, e o território desconhecido, o Caos. Haveria uma diferenciação entre estes dois espaços, que se daria principalmente pela manifestação do sagrado em um e não em outro. Desta forma, o Cosmos seria um espaço organizado e sistematizado na intenção de revelar uma ordem do sagrado ao mesmo tempo que orientaria os fiéis em suas ações. Enquanto o Caos seria o oposto, ou seja, um território desconhecido, mas que principalmente, não contém ou não compartilha os mesmos elementos sagrados. Mas não é negada a possibilidade de um espaço caracterizado como Caos ser convertido em Cosmos, mas isso se daria apenas por meio de uma consagração.

Portanto, a partir do que vem sendo exposto e relacionado ao ethos toqueiro, por meio do espaço e tempo, evidencia-se até o momento que a experiência religiosa toqueira é constituída a partir de princípios que procuram um constante desapego e renúncia do mundo, por meio de práticas de rejeições. Sendo que estas práticas têm um caráter de sacrifício e são exaltadas e apresentadas como um meio de redenção. Ao mesmo tempo, ao pensá-las a partir da organização temporal e espacial do Instituto, é possível notar que esta espiritualidade fundamenta-se na ideia de sobriedade, harmonia e conhecimento.

3. OS TOQUEIROS

Em relação aos toqueiros, uma das primeiras afirmações que pode ser feitas é a relação ambígua em buscar-se traçar um perfil geral entre seus membros. Alguns fatores incidem sobre este impasse, sobretudo a alta rotatividade de membros da casa. Ademais, um outro dilema presente neste processo é pensar em como atribuir um perfil a esses jovens sem ser imprudente, desencadeando reflexões superficiais sobre a realidade toqueira. Isto iria ao sentido contrário da proposta desta dissertação, uma vez que o objetivo desta pesquisa é evidenciar a pluralidade de trajetória e experiência religiosa entre os membros do Instituto.

Ainda em relação à rotatividade da casa, vale ressaltar que, apesar de em um primeiro momento soar como algo negativo para a pesquisa, já que refletiria no tipo de relação que se teria com os toqueiros e no acompanhamento de sua experiência religiosa, a mesma pode ser considerada como elemento potencializador da pesquisa, uma vez que ampliou as relações com os diferentes membros da Toca de Assis, pluralizando ainda mais as vivências internas do Instituto.

3.1 TORNAR-SE TOQUEIRO

3.1.1 O início de tudo: a vocação

O esforço para responder a pergunta: “quem são os toqueiros?”, inicia-se na compreensão do processo de adesão dos jovens ao Instituto. Em geral, durante a pesquisa de campo e as entrevistas, os jovens relataram que o interesse ao movimento iniciou-se com a percepção de uma vocação. As vocações são consideradas como um “chamado interior”, uma pré-disposição íntima, que segundo eles, pode refletir a “plena realização do seu ser”. Porém, apesar destes interesses serem reconhecidos como subjetivos, e expressão da individualidade de cada um, simultaneamente, não são considerados como individualistas, uma vez que a motivação não se dá pela procura de um sucesso pessoal, mas por “chamado do divino”.

No artigo “Vocações e suas dimensões”, publicado em 08 de abril de 2019 no site tocadeassisirmas.org.br, a vocação foi definida pelo movimento da seguinte forma:

“Deus chama para escolhas definitivas, Ele tem um projeto para cada um: descobri-lo, responder à própria vocação é caminhar para a realização feliz de si mesmo” Papa Francisco

O que é vocação?

A palavra vocação deriva do verbo *vocare* que significa “chamar”. É a tradução do termo “*vocatione*” quer dizer chamado, convite, apelo. A vocação é o chamado de Deus dirigido a toda pessoa humana, em vista da realização de uma missão ou serviço em favor da comunidade. É o chamado do Pai, por meio de Jesus Cristo na força do Espírito Santo e tem como finalidade a realização plena da pessoa humana.

Toda pessoa é vocacionada, é eleita por Deus.

As respostas deste chamado ocorrem no dia-a-dia, por meio de tarefas cotidianas e das mais diferentes formas. Burocraticamente, a Toca de Assis criou duas grandes categorias que envolvem sua ideia de “vocação”: 1. Leiga; e 2. Vida Consagrada. A vocação leiga é definida como um chamado às pessoas civis, para vivenciarem a espiritualidade da Toca em diferentes dimensões e âmbitos de sua vida, mas sem a necessidade de tornar-se um religioso, ou seja, é uma pessoa, que identifica-se com os carismas toqueiros, e busca vivenciá-los em seu trabalho, escola. Participando de datas comemorativas, reuniões, celebrações e também fazendo doações quando possível. A Vocação para a Via Consagrada, por sua vez, é direcionada àquelas pessoas que tem interesse em consagra-se à vida religiosa, tornando-se um toqueiro. Porém, como a pesquisa de campo revelou, existem várias formas de se experimentar essa vocação, mesmo de forma institucional. Tanto que o próprio movimento possui diversos tipos de atendimento às pessoas em situação de vulnerabilidade, que variam entre os Institutos, ações, e diferentes ramos, que se dividem sobretudo entre a pastoral e o ramo contemplativo. Estas possibilidades permitem que, ao vivenciar as vocações nas práticas cotidianas, haja uma experiência plural mesmo dentro de uma dimensão institucional.

No dia-a-dia do Instituto pode-se notar diferentes formas de responder esse chamado, tanto que, é possível perceber uma especialização das atividades no movimento, ou então, dedicação dos toqueiros para determinadas tarefas durante seu tempo de lazer, como: cozinhar, objetos religiosos, organizar eventos, artesanatos, jardinagem, prática musical, etc.

3.1.2 Processo de adesão

Para se tornar-se um membro é necessário preencher uma ficha cadastral e iniciar o processo de orientação vocacional. Este acompanhamento é realizado por um Irmão consagrado, eleito pelo Conselho do movimento. Atualmente os Institutos São Pio, em Fortaleza, e, Filhos da Pobreza e do Santíssimo Sacramento, em Londrina, são responsáveis por essa triagem. Em um primeiro momento a comunicação ocorre de forma remota, através de cartas, email, telefones e redes sociais. Em ocasiões pontuais podem ocorrer visitas de membros do Instituto ao vocacionado, com a finalidade de conhecer sua casa e sua família. O jovem também pode ser convidado a visitar um dos Institutos a fim de conhecer a rotina da casa e a experiência dos seus membros. Esses momentos são chamados de “Encontro de convivência Vocacionais”. Uma experiência mais profunda desses encontros é o período compreendido como “Experiência Vocacional”, também conhecido como “Provai e Vede”. Esta experiência ocorre próxima à finalização do acompanhamento, e o jovem é convidado a permanecer em

uma das Casas Fraternas durante uma semana. Caso o jovem, após todo esse processo, ainda demonstra interesse em consagrar-se ao Instituto, inicia-se o processo formativo, como já descrito no capítulo anterior.

Ainda em relação à “Caminhada Vocacional”, para seu início é necessário preencher uma ficha cadastral, disponibilizada no site. No vídeo institucional, é chamado a atenção para que os jovens preencham os dados informando como “sentiram o chamado e conheceram o carisma do Instituto”.

A ficha cadastral é preenchida com diferentes dados que podem ser categorizados da seguinte forma:

- 1- Dados Pessoais: Busca colher informações que identifiquem a pessoa, como nome completo, RG, telefone, dentre outros.
- 2- Trajetória de vida: Tem por objetivo reconhecer os diferentes caminhos percorridos pelo jovem, sobretudo aqueles relacionados à vida acadêmica, profissional e familiar. Como por exemplo grau de escolaridade, composição do núcleo familiar, tipo de ocupação, etc. Sobre esta temática, chama a atenção a pergunta “Qual é a opinião de seus pais em relação a sua vocação?” e História de Vida. (Escreva no mínimo 20 linhas)
- 3- Histórico religioso: Aqui, as questões focam para a atuação religiosa do possível futuro membro, como por exemplo vínculo paroquial, grau de formação religiosa, sacramentos recebidos, a participação ou não de outros grupos religiosos.

Além deste questionário há uma série de pré-requisitos que os jovens devem contemplar para serem admitidos no Movimento. Como pode ser observada na imagem a seguir, os quesitos são:

- 1- Ter idade entre 16- 34 anos;
- 2- Ter concluído ou Ensino Médio ou estar nos anos finais;
- 3- Ter os sacramentos de Batismo, Eucaristia e Crisma;
- 4- Ser membro de alguma paróquia católica.

FIGURA 19: REQUISITOS PARA INGRESSO



(A imagem foi retirada do antigo site da Toca de Assis, acessado em Dezembro de 2018).

Hoje, como já dito nos capítulos anteriores, o site foi reestruturado, e a apresentação deste tema ocorre por meio de um vídeo-animação institucional. Porém, os critérios ainda permanecem os mesmos.

É relevante mencionar que, durante a pesquisa de campo, foi possível observar diferentes formas dos membros compreenderem todo o processo para admissão de novos jovens e as formações realizadas pelo Instituto. Frequentemente, quando opinam sobre o assunto, os jovens realizavam um paralelo entre o modelo atual, e o processo admissional que era realizado anteriormente pelo movimento, sobretudo antes de 2010.

Relataram que inicialmente, a adesão ao Movimento dava-se de uma forma menos burocrática e mais espontânea. Havia poucos critérios e acompanhamento dos então membros. Ainda segundo alguns jovens, a “simpatia e adesão ao movimento se dava de uma forma muito emotiva, impulsiva, e, não prepararia de fato as pessoas para os desafios que encontrariam no interior do Instituto”.

A partir de 2010, com o processo de burocratização e institucionalização do movimento após a intervenção da Arquidiocese de Campinas, todo o percurso foi revisto, normas criadas, até resultar no modelo atual. Os jovens identificam esse modelo atual como

mais eficiente, já que busca estimular uma postura mais consciente entre os vocacionados. Um dos membros chegou a afirmar que “temos que priorizar qualidade e não quantidade”.

Pode-se refletir que simultaneamente a frase evidencia uma das principais perguntas que o Instituto está se fazendo: “como prospectar futuros membros?”. Logo, grande parte dos toqueiros também reconheciam um dos efeitos colaterais das medidas adotadas a partir de 2010: a queda do número de pessoas aceitas pelo movimento, e inclusive a evasão de alguns. Desta forma, em diferentes momentos, também foi possível observar uma preocupação quanto à sua continuidade e adesão de novos jovens.

3.1.3 Formação

Após ser aceito pelo movimento, o jovem passa a ter uma rotina dividida entre: I. Práticas religiosas, sendo a mais frequente no dia-a-dia toqueiro, consiste em oração, adoração ao santíssimo, meditação do evangelho do dia, celebração litúrgica diária e da liturgia das horas; II. Atividades recreativas, como esportes, descansos, práticas de hobbies, ensaios musicais. Geralmente consistia no período pós-almoço; III. Atividades domésticas, voltadas para a manutenção da casa e cuidado com os acolhidos. Nestes momentos era realizada a medicação e higienização dos acolhidos, limpeza da casa, servidas as refeições, lavagem de roupas, etc. Em geral, concentravam-se durante a parte da manhã, mas poderia se estender durante o dia, dependendo da demanda da casa; IV- Formação, praticada durante a manhã, em algumas ocasiões seguia um modelo próximo à uma educação formal. Nestes momentos era realizada no interior de uma sala, com carteiras enfileiradas, uma lousa de giz e outra de caneta, projetor, mesa para professor, dentre outros tipicamente escolares. Naquele espaço eram ensinadas aos “alunos” as doutrinas católicas, catecismo, expressões em latim, estrutura e simbolismos rituais como a Missa, Liturgia das Horas e Liturgia Diária. Cada toqueiro possuía seu próprio material escolar. Como recursos didáticos eram usados vídeos, músicas e filmes. A formação, em alguns momentos seguia uma estrutura informal, sobretudo quando eram realizados os “Momentos de Partilha”. Esses momentos ocorriam pela manhã, sempre no pátio do Instituto, um ambiente arborizado e distante do movimento da casa, e consistia no compartilhamento das experiências que o jovem vem tendo no Movimento, com o Irmão Formador, responsável por todo processo formativo dos jovens; V- Pastoral, atividades de cuidados com os pobres, sobretudo a Pastoral de Rua.

A compreensão dos jovens em relação à essas diferentes atividades de seu cotidiano obedece uma hierarquia em grau de importância. Logo, apesar de reconhecerem a necessidade

e relevância dos trabalhos domésticos e até mesmo de práticas recreativas, elas jamais poderiam se sobrepor às atividades religiosas e formativas.

3.2 COMUNIDADE IDEALIZADA

Um dos principais elementos que o movimento Toca de Assis utiliza para prospectar jovens é a proposta de uma experiência religiosa por meio de uma vida fraterna e comunitária. Bauman, afirma que em um contexto de modernidade líquida, a busca por laços comunitários seria estimulada pela procura de um universo seguro e estável. Teóricos como Carranza&Mariz (2009) apontam que neste cenário passaram a surgir as chamadas *novas comunidades católica*”, a Toca de Assis, por sua vez, estaria imersa nesta dinâmica.

Ao teorizar sobre a ideia de Comunidade”, Bauman (2003) a define como:

Os significados e sensações que as palavras carregam não são, é claro, independentes. “Comunidade” produz uma sensação boa por causa dos significados que a palavra “comunidade” carrega — todos eles prometendo prazeres e, no mais das vezes, as espécies de prazer que gostaríamos de experimentar mas que não alcança mais. Para começar, a comunidade é um lugar “cálido”, um lugar confortável e aconchegante. É como um teto sob o qual nos abrigamos da chuva pesada, como uma lareira diante da qual esquentamos as mãos num dia gelado. Lá fora, na rua, toda sorte de perigo está à espreita; temos que estar alertas quando saímos, prestar atenção com quem falamos e a quem nos fala, estar de prontidão a cada minuto. Aqui, na comunidade, podemos relaxar — estamos seguros, não há perigos ocultos em cantos escuros (BAUMAN, 2003; p.7)

De acordo com o teórico, em um primeiro momento a comunidade poderia ser tida como um espaço isento de contradições e conflitos. O principal elemento que corrobora com esse sentimento é a concepção de que a comunidade abrigaria somente o semelhante, o igual. Desta forma, a comunidade também se consolida como um forte seguro, além de distanciar-se das contradições e do mundo externo, simultaneamente se distanciaria daquilo que é diferente.

Simultaneamente, uma das contrapartida para viver em comunidade é estar disposto a realizar diversos tipos de renúncias, sobretudo na perda de liberdade e autonomia do sujeito. “Qualquer que seja a escolha, ganha-se alguma coisa e perde-se outra”. (BAUMAN, 2003; p.10). Outro custo implicado neste processo, seria a própria consciência de si e da sua realidade.

Você só pode continuar feliz, ou pelo menos continuar numa felicidade abençoada e despreocupada, enquanto mantiver sua inocência: enquanto desfrutar de sua alegria ignorando a natureza das coisas que os fazem feliz sem tentar mexer com elas, e muito menos “tomá-las em suas próprias mãos”. E que se você se atrever a tomar os problemas em suas próprias mãos você nunca poderá reviver a dádiva que só pode aproveitar no estado de inocência. Aquele objetivo escapará para sempre ao seu alcance. (BAUMAN, 2003; p.14).

Logo, mesmo a comunidade sendo um espaço de compartilhamento e trocas, isso ocorre de forma limitada. As restrições seriam impostas por uma estrutura que exigirá a adequação de seus membros. Porém, nesse imaginário criado sobre a noção de comunidade, fica evidenciado um outro custo que tal ambiente poderia cobrar de seus adeptos: a negação de seu autoconhecimento, uma vez que a ideia implicada nestes espaços é de haver uma espécie de diluição das diferenças em busca de uma homogeneidade. Desta forma, uma estrutura que se fundamenta em uma vida comunitária, se consolida com base em três fatores: 1. Distinção; 2. Autossuficiência; 3. Plena comunicação interna. (BAUMAN, 2003; p.17-18)

Porém, Bauman (2003) nos adverte que: esta ideia de comunidade é construída de forma ideal, ou seja, trata-se de uma comunidade imaginária. Isso significa afirmar, que, se buscadas no mundo real, não seria possível encontrar nenhuma comunidade que se estrutura desta forma, sobretudo em plena harmonia e isenta de conflitos internos. Justamente por ser ideal, esta aura construída ao seu entorno é tomada como motivação, um elemento que orienta a conduta de seus membros, mas que jamais poderia ser alcançada.

Aproximando esta discussão ao contexto toqueiro, é interessante mencionar que a ideia de uma homogeneidade é observada até mesmo entre os próprios membros, porém, muitas vezes de maneira irônica. De forma rotineira, durante a pesquisa de campo, quando esquecia o nome de algum membro, enquanto o descrevia, os toqueiros respondiam em forma de brincadeira “aquele de cabelo raspado, barba e que veste marrom?”, e riam com a situação. Com a brincadeira, surgiam relatos, que diziam sobre as confusões rotineiras entre os jovens que eram realizadas por terceiros, seja durante as pastorais de rua, serviços externos ou visitas que recebiam na casa.

Esta compreensão ocorria inclusive para momentos fora da espacialidade do Instituto, ou seja, em ambientes e situações que não eram vinculados necessariamente à Toca de Assis. Como por exemplo, quando conversava com outras pessoas em Londrina, seja durante as viagens, dentro do transporte público ou Uber, estas pessoas, de forma frequente se referiam aos jovens toqueiros como: “Aqueles que são todos iguais?!” ou “aqueles que se parecem?”.

Por mais desinteressadas que tais expressões possam ser, ao considerá-las como umas principais formas de caracterizar e descrever a experiência religiosa toqueria, pode-se afirmar, que, uma das principais ideias que público externo à Toca de Assis possui sobre o movimento é de uma diluição de sua personalidade e padronização de seus comportamentos.

Contudo, ao resgatar uma interpretação feita anteriormente durante a monografia, e uma das motivações para esta pesquisa, é possível pensar:

Porém, mesmo dentro de uma uniformidade pode-se observar uma pluralidade, principalmente na origem destes jovens e suas personalidades. Para exemplificar esta relação pode-se mencionar um comentário feito durante o almoço em umas das visitas. Os toqueiros relatavam sobre alguns choques culturais que tiveram e ainda têm na Toca de Assis. Disseram sobre a incorporação e/ou negação de sotaques e expressões típicas de algumas regiões brasileiras, mas também o reforço de seu próprio sotaque na intenção de reafirmar sua identidade de origem. Além disso, enquanto conversava com um dos toqueiros, um dos aspectos da Toca que ele disse ter mais dificuldade é quanto a "renúncia de si mesmo", em viver em uma comunidade com um espírito fraterno e com um número significativo de pessoas. (RODRIGUES, A. 2017; p. 69)

Logo, ao deter-se justamente no atrito que há nas práticas dos toqueiros em seu contexto religioso e em sua potencialidade de questionar e até mesmo causar rupturas por meio das relações que estabelecem internamente. Simultaneamente, torna-se possível compreender como um contexto cultural possibilita ou limita a ação dos seus sujeitos. Assim sendo, ou posicionar-se nesta fronteira, questionando o imaginário criado em torno do movimento, e tensionamento da relação estabelecida entre estrutura e atores, pode-se afirmar que a relação entre os toqueiros e a proposta institucional de experiência religiosa não ocorreria de forma harmoniosa.

3.3 SOBRE AS DIVERSIDADES INTERNAS

A ideia de uniformidade presente no interior do grupo pode ser questionada através de diferentes fatores, revelados principalmente durante as entrevistas ou na trivialidade do dia-a-dia toqueiro. Alguns dos elementos que impulsionariam a ideia de uma religiosidade diversificada seriam 1. A trajetória pessoal dos membros antes de tornarem-se toqueiros, e, 2. os conflitos presentes no Instituto.

Para pensar o primeiro elemento, relacionado à trajetória de vida dos toqueiros, será resgatado um episódio que ocorreu durante a festa “Natal com os Pobres”, em dezembro de 2019.

Como já mencionado anteriormente, a festa é uma das mais importantes para a Toca de Assis, e seus preparativos começam com alguns meses de antecedência. No dia anterior ao evento, um grupo de pessoa se desloca até o local para organizar o espaço, seja na decoração, ou acomodar os aparelhos eletrônicos, planejar a logística ou as refeições. No dia em questão, acompanhei o grupo durante todo o processo, ajudando-o sobretudo no descarregamento dos materiais e posteriormente na organização e decoração dos ambientes.

A festa foi realizada em uma escola cedida pela prefeitura da cidade. Em seu pátio foi concentradas as atividades de lazer e convivência, ou seja, onde foi realizados sorteios, tocadas músicas, teriam atividades recreativas e seriam servidas as refeições. A proposta da

decoração deste espaço, foi de estender longos tecidos pelos pilares que sustentavam a quadra, de diferentes maneiras. Também foram confeccionadas estruturas que se assemelhavam a um floco de neve, todas realizadas por meio da reutilização de cabides descartados. Essas amarrações seriam penduradas ao redor da quadra. Durante a apresentação da ideia e divisão das tarefas, surgiu uma importante questão: quem seria responsável por escalar as estruturas e dispor os adereços? Neste instante um dos toqueiros se dispôs a realizar as atividades.

De imediato os voluntários se posicionaram contrários, diziam: “imagina se você cair lá de cima? Como explicar para os seus pais? Como explicar que um religioso sofreu acidente subindo escada e pilares para decorar uma quadra de esporte?” Posteriormente, o toqueiro justificou sua prestatividade afirmando que já foi escoteiro antes de entrar para a Toca de Assis, deste modo, já estava acostumado com escaladas e também com nós. A família deste toqueiro estava no local, e quando comunicada, não demonstram surpresa com a oferta do filho, afirmando que era algo próximo com o que ele costumava a fazer. Após considerarem as circunstâncias, finalmente aceitaram a ajuda do jovem. As imagens abaixo apresentam o desenvolvimento da tarefa:

FIGURA 20: TOQUEIRO DECORANDO A QUADRA DE ESPORTES

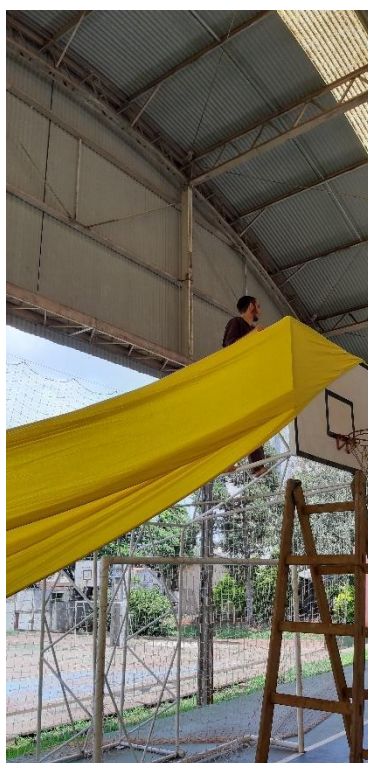


FIGURA 21: JOVEM TOQUEIRO SOBRE A TABELA DE BASQUETE



FIGURA 22: QUADRA DE ESPORTE DECORADA



Acima, nas imagens 20 e 21, é possível observar o jovem toqueiro no alto de uma tabela de basquete. Seu objetivo ao dispor os tecidos sobre a estrutura, era de escondê-la, afim de criar uma decoração que remetesse a um clima natalino.

Já na imagem 22, é possível observar a decoração concluída. Percebe-se que os tecidos criam uma ambientação e divisões de espaço. Frequentemente eram usados como fundo para as fotografias realizadas durante o evento. Também é possível notar sobre o tecido verde, as amarrações feitas com cabides reutilizáveis, com a finalidade de recriar um floco de neve. A imagem também é composta pelo jovem toqueiro- que momentos antes esteve sobre a estrutura

de basquete- e seu irmão. Após a finalização da tarefa, ambos iniciaram uma partida de tênis de mesa.

Enquanto acompanhava o trabalho do jovem, amparando-o, era interessante perceber em como ele resgatava suas memórias enquanto escoteiro, e explicava como as aprendizagens que teve naquele momento, o auxiliavam em diversas atividades do Instituto, como àquelas que ele vinha desempenhando.

Este caso, assim como outros inúmeros episódios como este que ocorreram durante a pesquisa de campo, torna possível observar como o Instituto apropria-se das experiências que os membros tiveram antes de tornarem-se toqueiros em consonância com os valores do próprio movimento. Sobre esta dinâmica, é interessante observar que o processo de conversão, não se dá necessariamente por uma negação e um distanciamento do estilo de vida que possuía antes, mas sim, por sua ressignificação. Com isso, é possível distanciar-se do que foi proposto durante a monografia, onde foi afirmado que

o que se nota é que neste processo de conversão busca-se abolir o passado, pois ele seria um antagonista, uma oposição do que esta sendo o presente e do que se espera do futuro, a conversão aparece como sendo uma superação de tensões presentes na vida dos jovens (RODRIGUES, Anderson; 2017. p.41)

Apesar de sempre justificarem sua adesão ao movimento devido à uma insatisfação do estilo de vida que possuíam antes de entrar na Toca de Assis, é justamente alguns hábitos que possuíam outrora, como tocar instrumentos musicais, tipo de ocupação e até mesmo formação, que ampliam sua experiência religiosa no Instituto. Desta forma, não há a negação de um passado, ou de fortes rupturas, mas sim, ajustes e negociações, tomando-o como referência.

Já em relação ao segundo elemento- referentes aos conflitos presentes na casa- será pensado a partir dos depoimentos dados na realização das entrevistas. Uma das perguntas que compunham o questionário buscava compreender como os jovens vivenciavam a vida comunitária. Em um momento da entrevista, um dos jovens fez a seguinte reflexão:

Como eu falei a questão do aprendizado, é constante essa área para mim. Embora nós moramos em uma comunidade, eu ainda estou compreendendo isso, o que é a vida fraterna, como viver em comunidade. Sempre é um desafio, porque nós moramos em uma comunidade que são várias pessoas diferentes. São várias formas de pensar, de desejar diferente. Há gostos muito diferentes. Então é um desafio, porque para viver todos juntos, e é isso que estou aprendendo, as vezes você tem que renunciar algumas coisas para que o outro possa viver. Então é aquele discernimento que nem sempre eu vou poder fazer os meus gostos pessoais, porque se eu sempre quiser fazer meus gostos pessoais vai dar conflito, porque, eu não vou conseguir uma união com o grupo. Nem todo mundo pensa como eu penso, deseja o que eu desejo, gosta das coisas que eu gosto. Então muitas coisas, em alguns momentos, um ou outro vai ter que saber renunciar a isso. E aí, a gente renuncia com muita alegria, para que a gente consiga

viver esse mandamento do amor. Se não a gente não consegue, dá muitos conflitos. Os conflitos existem, e é bom que existam! Nós somos de carne e osso [risos]. Mas assim, a diferença é que a gente se entende. Nós entendemos no sentido de ter um diálogo maior, de você estar com muito mais contato com o ser humano. Hoje nós dividimos clausuras, não temos condição de termos clausuras individuais, exceto o nosso Instituto Contemplativo. Mas aqui, na nossa missão não. Então assim... é um aprender a viver, a conviver. A estar junto num mesmo espaço, mas sem perder sua privacidade. Ter um momento pessoal, que as vezes precisa ter. É saber conciliar tudo. O momento que preciso ter pra mim, momento de solidão, que precisa viver o consagrado. Mas saber dosar tudo isso. Os momentos que são mais fraternos priorizar, os momentos que são mais pessoais saber compreender. Então assim, é um desafio. A vida comunitária é um desafio. Todos os dias temos que aprender [risos]. Porque é conhecer a si. A medida que você conhece a si mesmo, o seus limites, você passa a compreender o outro também. Então qual é o limite do outro? Até onde eu posso ir e até onde eu não posso? Até onde eu posso compartilhar e até onde eu não posso? Então é saber respeitar o outro. Porque embora vivamos juntos, em comunidade, mas existe a particularidade de cada um, que a gente tem que respeitar.

Apesar do depoimento nos tocar de diferentes formas, é importante, em um primeiro momento, refletir sobre as noções que o termo conflito carrega consigo. Variando entre inúmeros significados e imaginado de diferentes proporções, em geral, no senso comum o termo conflito é associado a algo negativo, uma vez que pressupõe uma situação problema que provoca a desestabilização de relações, e até mesmo seu fim. Esta crença leva as pessoas à esquivar-se de tais situações e até mesmo reprimir episódios deste tipo. Desta forma, a principal percepção relacionada ao conflito é de uma oposição, embate, confronto, que pode provocar uma desordem e um desarranjo nos vínculos pessoais.

Apesar de carregar ideias tão negativas consigo, quando a noção de conflito passou a ser encarada como uma problema sociológico, e as Ciências Sociais debruçaram-se sobre as relações deste gênero em suas múltiplas dimensões, alguns teóricos constataram que ao contrário do que o senso comum afirmava, as relações conflituosas podem gerar manutenções e reafirmações de vínculos entre os membros de uma sociedade. Então, ao invés de encarar o conflito como “um desfecho”, ele passa a ser tomado como potência já que pode reforçar uma sincronia entre os indivíduos (SIMMEL *apud* GIDDENS, A. 2017; p.311).

Ao pensar o Instituto sob esta perspectiva, é interessante observar que por meio de situações conflituosas o movimento busca estratégias de reforçar a interdependências entre seus membros. Ou seja, ao invés de tais episódios provocarem um desarranjo na estrutura do Instituto, ele provoca novas interações e reforçamento de vínculos. Isso ocorre, sobretudo, através dos “Momentos de Partilha”.

Como já mencionado anteriormente durante esta dissertação, as “Partilhas” são ocasiões de compartilhamento de experiência entre os toqueiros, independente de sua etapa de formação. Porém, os vocacionados e aspirantados as realizam com mais frequências com os Irmãos Formadores. Os momentos de partilha têm como principal objetivo acompanhar o

desenvolvimento dos jovens no Instituto, sondando sua relação com outros membros, acolhidos e voluntários da casa, impressões sobre a espiritualidade do Movimento e a vivência dos carismas. Um ponto interessante é que, enquanto conversava com os jovens especificamente sobre esse momento, foi relatado que também eram incentivados à resgatar e pensar até sobre situações conflituosas e momentos de tensões que poderiam ter surgido no interior do Instituto, sobretudo se estivesse envolvido nessas situações. Após serem estimulados a refletirem sobre tais episódios, os toqueiros normalmente procuravam um aos outros para manifestar-se, de forma individual, ou então nos momentos de partilhas coletivas.

Ao interpretar os momentos de partilhas, aproximando-os das reflexões feitas por Duarte & Giumbelli (1995) sobre o ato de se confessar em uma perspectiva cristã, pode-se afirmar que a individualidade do membro do Movimento Toca de Assis não busca ser diluída durante o processo formativo, ao contrário, o processo de construção de sua identidade, e o consciência da realidade se dá por meio da exteriorização e manifestação da sua intimidade. Sentimentos, desejos e emoções, que o senso comum julgaria ser reprimidos, neste momento são manifestos e tidos como ferramentas para a construção de si e reconhecimento do outro. Ademais, é possível observar que no contexto toqueiro, estas ocasiões são tidas como elementos de interpretação e assimilação da espiritualidade que vem sendo buscada, uma vez que são tomados “como ponto de partida para um auto- deciframento” (DUARTE, GIUMBELLI, 1995; p.96).

3.4 OS CONFLITOS GENUINAMENTE HARMONIOSOS

Conscientemente ou não destas circunstâncias, é possível observar uma série de estratégias adotadas pelo Instituto, para ter em seu interior, o que Mariz (2003) chama de “diversidade controlada”. A pesquisadora elaborou esta interpretação sobre a diversidade de grupos religiosos pertencentes à Igreja Católica. Segundo a autora, a experiência religiosa católica não seria homogênea, podendo assumir diferentes expressões, de acordo com a espiritualidade e proposta de cada comunidade pertencente à Instituição. Porém, apesar de ser multiforme, é interessante observar que todas elas, apesar das distinções e oposições que podem assumir, se reconhecem como semelhantes e pertencente ao catolicismo. Uma das principais formas para compreender este fenômeno, é considerar os dogmas católicos, também conhecidos como verdades de fé.

A Igreja Católica afirma, que os dogmas são Verdades de Fé absolutas, reveladas pelo Divino, e por isso incontestáveis. São tidos como algo necessários, mesmo não sendo

compreendidos, revelando uma outra dimensão da espiritualidade católica que é a confiabilidade. Isto, porque em alguns casos, se for buscado compreendê-los de forma científica e racional, essas verdades não se sustentariam. Porém, são compreensíveis e racionais dentro de uma perspectiva católica.

Mariz afirma que, por mais destoantes que esses grupos possam ser, o elo que os unem são tais dogmas. Nenhum deles, jamais, questionariam os fundamentos de fé ou a hierarquia clerical e correriam o risco de serem desligados da Igreja Católica. Essa confiabilidade e obediência, é que garantiria uma “diversidade controlada”, ou seja, uma pluralidade de carismas e experiências religiosas, mas todos, em comunhão, por meio de um núcleo que seria constituído pelas Verdade de Fé.

Pensando o micro contexto do Instituto através desta interpretação de Mariz, é possível afirmar que, mesmo em uma menor escala, a espiritualidade proposta pelo Instituto é vivenciada de diferentes formas. Assim como ocorre na Igreja Católica como um todo.

Porém, apesar da multiplicidade, há algo em comum entre elas, que garante a comunhão e coesão entre seus membros. No caso toqueio, este núcleo central é composto pelos carismas propostos pelo movimento, e também pelos votos de castidade pobreza e obediência. Apesar das diferentes formas possíveis de se relacionar com o Instituto, todas orbitam em torno deste âmago.

Tal fenômeno pode ser compreendido à luz de Goffman (2010). O autor nos revela por meio de sua teoria que os indivíduos não agem somente motivados por interesse próprios, ou valores próprios e naturais, mas sim de acordo e negociando com um contexto social objetivo que limita sua atuação na medida em que é estabelecido uma normativa que regula a forma que as pessoas vão interagir e se representar. Com isso, uma das principais marcas de sua teoria é a análise da interação: são consideradas as influências que há entre os indivíduos, e as interferências mútuas que afeta seus comportamentos na medida em que cria normas e a possibilidade ou não de determinadas ações efetivarem-se.

O teórico postula que as representações se dão dentro de uma "fachada". "A fachada engloba diferentes tipos de elementos através dos quais o ator pode desempenhar o seu papel" (FILHO, 2018; p.257). Esta fachada seria constituída por duas dimensões: 1-Ator e 2-Decorativa. A fachada pessoal seria aquela que é inerente ao sujeito, é uma qualidade inerente que revelam sua personalidade. Elas poderiam ser modificadas, como por exemplos os gestos, vestimentas, modo de falar, mas também podem ser fixas, como características étnicas-raciais, biológicas, dentre outras. Já a fachada decorativa compreende o cenário, os ambientes em que são encenados os personagens.

Na maioria dos casos, trata-se de idealizar o papel que você assume ou ao qual você aspira, e ao qual está associada certa consideração. Em efeito, a maior parte do tempo, a apresentação é um processo de idealização (FILHO, 2018; p.257).

Por meio da obra de Goffman (2010) é notável que os indivíduos não agem somente motivados por interesse pessoais, ou valores próprios e naturais, mas sim de acordo e negociando com um contexto social objetivo que limita sua atuação na medida em que é estabelecido uma ordem normativa que regula a forma que as pessoas vão interagir e se representar.

Elas ocupam o indivíduo de duas maneiras gerais: diretamente enquanto obrigação, coação moral a se comportar de tal maneira; e, indiretamente, enquanto expectativa daquilo que os outros moralmente são forçados a reagir em relação a eles (GOLFFMAN, 2011; p.53 *apud* FILHO, 2018; p.258)

Portella (2018) reflete sobre esse fenômeno através dos conceitos “*memória coletiva*” e “*memória histórica*”. A primeira diz respeito às experiências, aos crentes, até mesmo com um carácter individual, a segunda por sua vez diz respeito as memórias produzidas em um nível institucional. Em seu artigo o pesquisador propõe uma ampliação na forma de compreender-se religião, na medida em que não seriam somente contemplados documentos e pronunciamentos oficiais, ou dos líderes, representantes deste credo, mas sim depoimentos e vivências dos membros da mesma religião, pessoas que estão fora da produção de discurso e saberes da Instituição. A partir destas considerações, é criada a hipótese que pode haver um descompasso entre memórias coletivas e memórias históricas.

O teórico afirma que ao fazer tal consideração, não é negada a relação de apoio da memória coletiva sobre a memória histórica, já que as memórias coletivas necessitam de referenciais para apoiarem. Porém, propõe tencionar essa relação na medida em que afirma que ela não se dá de forma linear, ou plenamente harmoniosa. O autor faz essa proposta ao considerar que

por mais que a memória histórica e coletiva sejam esteios referenciais para grupos e indivíduos, os sujeitos e suas existências e experiências pessoais tendem a retraduzir e mesmo a se desvincular de determinados referenciais históricos ou coletivos. (PORTELLA, R. 2018; p. 198)

Nesta dinâmica pode-se observar a clássica tensão entre individualidade e coletividade. No caso das religiões, ou de grupos religiosos, por mais que eles forneçam aos indivíduos uma matriz identitária e exerça uma coerção sobre eles, os próprios indivíduos não a incorporam de forma pacífica, ou nas palavras do autor "como modelo pronto e acabado" (PORTELLA, R. 2018; p. 201).

Ou seja, deste modo admite-se que tal perspectiva, permite observar apenas uma parcela, um fragmento da formulação, reconhecendo que o que o indivíduo exterioriza depende

do seu lugar de fala, ou seja, do papel que desempenha, do lugar que ocupa, do contexto em que está inserido. Deve-se então, levar em consideração, ao menos duas dimensões: público e privado. Na dimensão pública, deve-se reconhecer que há uma coerção do grupo para que o indivíduo haja em conformidade com aquilo que é esperado, que atinja suas expectativas. Porém, é na dimensão privada, ou seja, na intimidade, na privacidade do indivíduo que se desenrola mecanismos de bricolagem e de autonomia que nem sempre correspondem ao arquétipo do grupo.

As análises supracitadas ficaram ainda mais clara no contexto toqueiro, quando, em um dia das minhas visitas observei as clausuras dos jovens pela janela. Neste dia, no final da tarde houve uma ameaça de chuva. O clima mudou de forma repentina, um dia ensolarado passou a ter nuvens escuras e um forte vento agitou as copas das árvores ao redor do Instituto. Algumas roupas estavam penduradas no varal do Instituto. Em meio a este clima, fui retirar as roupas do local. Este espaço dava de fundo para as clausuras, espaço privado e de descanso dos toqueiros. Não pude deixar de reparar nestes ambientes, e na forma em que eram organizados.

Em um primeiro momento, o cenário pode passar despercebido, assim como ocorreu nas outras vezes eu transitava pelo local. Nada de muito chamativo: um pátio, cujo chão é coberto por pedriscos, com sombras de árvores sendo projetadas, ao fundo da casa. A parede que fazia a divisão com os as clausuras, era toda de tijolinho a mostra, com as janelas padronizadas e protegidas por grades.

Mas, naquele dia, de imediato, os adornos de algumas janelas chamou a atenção. Algumas estavam plenamente abertas, outras estavam com os vidros fechados e outras revelava seu interior penas por frestas de cortinas. As janelas pareciam convidar para que o interior dos cômodos fossem observados. O momento então foi tomado como oportunidade, uma vez que o interior das clausuras sempre ocupou o imaginário do pesquisador durante as visitas de campo. Trata-se de espaços com acesso restrito, e sempre com as portas fechadas. Durante a pesquisa, em alguns momentos foi possível ver que em alguns quartos os armários eram colocados de frente da porta, permitindo somente um vão para passagem, e também provocando uma quebra de visão do interior do quarto.

Ao se aproximar das janelas, foi possível notar que em uma delas, em seu parapeito, havia alguns vasos de plantas, como suculentas e cactos. No interior de um quarto havia um quadro de planejamento de tarefas (uma espécie de lousa com quadrantes, com a função de organizar compromissos) sobre uma carteira de estudos; já em outros havia alguns quadros com representações de santos católicos, livros, etc. A organização e limpeza também variava entre

os cômodos. Porém, pelo tamanho e localização na casa, pressupõe que tais clausuras pertencem aos Irmãos Consagrados do movimento.

Apesar de uma aparente banalidade da situação descrita anteriormente, ela está em consonância com a proposta do capítulo, de pensar como a experiência religiosa é construída e articulada dentro das relações sociais. Apesar de ser uma cena corriqueira, ela nos indica formas de produção do “ser toqueiro”, e como se dá atuação dos jovens neste processo, identificando momento de fluxos e refluxos.

Desta forma, como já vem sendo dito, é possível ser observado que o sujeito seria composto por duas dimensões: aquela que o define de forma íntima, subjetiva, mas também haveria outra que é definida pela sobreposição de uma espiritualidade definida de forma institucional, expressa sobretudo no âmbito público. Logo, seria na privacidade, nos momentos mais íntimos ou “solitários”, como mencionado no depoimento, que os toqueiros conseguiriam operacionalizar e atuar sobre a religiosidade proposta pelo Instituto.

Como vem sendo evidenciado no corpo do texto, a religiosidade toqueira se daria por meio da negociação entre essas duas dimensões: entre as características inerentes do indivíduo e o modelo representativo que lhe é atribuído. Espaços como a clausura, atividades “solitárias” e recreativas, ou, momentos como as Partilhas, podem ser tidos como zonas de fronteiras onde são explicitados os pontos de tensões neste processo, revelando o que é da dimensão íntima dos toqueiros, o seu nível de consciência e agência e os valores que o limitaria. É interessante observar que as vivências entre a dimensão individual e coletiva da religiosidade proposta pelo movimento, não se constitui necessariamente como contraditórias, ou incoerente, mas sim em consonância entre indivíduos e a socialização provida por uma estrutura, apesar de poder haver tensões entre ambas.

Por fim, apesar dos processos descritos anteriormente poderem despertar inúmeras reflexões, neste momento, será retomado uma das principais questões levantadas no início deste capítulo: assim como observado por Bauman (2003), a crença de uma comunidade harmônica, sem conflitos e uniforme, trata-se de uma ideia intangível. Logo, é possível observar que os jovens toqueiros não aceitam a experiência proposta de forma passiva, passando também a atribuir conteúdos e significados às práticas religiosas. Esta interpretação evidencia as complexas e heterogêneas relações que existem dentro do movimento entre seus membros. Ao contrário do que pode sugerir uma interpretação imediatista e superficial, de que no interior do Instituto haveria uma homogeneidade na verdade a pesquisa de campo, em diálogo com a observação de Bauman (2003) mencionada anteriormente, revelou uma pluralidade de trajetória de vida entre os toqueiros, e infinitas formas de vivenciar sua religiosidade, algumas vezes

conflitantes, mesmo em um ambiente institucionalizado. Mas vale ressaltar que esta mesma pluralidade não está em dissonância com a vivência religiosa fraterna e comunitária proposta pelo movimento, mas sim, relaciona-se intimamente com ela. Portanto, rompe-se com premissas que concebiam as duas dimensões de formas antagônicas, já que o conflito, nesta perspectiva teórica não é visto como incongruência, mas sim um dos elos que unem as duas dimensões da prática religiosa toqueira.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa de campo realizada no Instituto Filhos da Pobreza do Santíssimo Sacramento, a casa masculina da Toca de Assis em Londrina, tomou como preocupação compreender o processo de conversão e experiência religiosa toqueira. Debruçando-se sobre a concepção institucional fornecida pelo movimento e as negociações que são feitas na cotidianidade dos religiosos e as técnicas adotadas pelos toqueiros, que culminam na experiência expressa no dia-a-dia do Instituto.

Por meio da discussão apresentada nesta dissertação, pode-se afirmar que esta experiência religiosa é construída nas vivências cotidianas dos religiosos pertencentes ao Instituto. Desta forma, por mais que lhes sejam provido um modelo institucional de religiosidade, é no dia-a-dia que tais jovens têm a possibilidade de fazer combinações de diferentes referenciais que acumularam ao longo da sua trajetória de vida.

Em um primeiro momento, tais experiências em contraste com a identidade religiosa proposta pelo movimento, podem parecer ambivalentes, porém, revelam a pluralidade de vivências e personalidades dos sujeitos que atuam no Instituto. Nela é possível reconhecer que por meio a possibilidade de de uma experiência religiosa fraterna, ou seja, uma forma de relacionar-se com o mundo de forma coletiva, orientados por um projeto de vida comunitário, os jovens ali inseridos deparam com um processo de construção de uma concepção de si, garantindo a manutenção de sua singularidade.

Portanto, simultaneamente observa-se que durante o processo de conversão, tais individualidades são ressignificadas e incorporadas pelo próprio movimento, superando uma relação de aparente contradição, passando a tomá-las como constituintes da própria experiência religiosa. Desta forma, inspirado por Duarte (1983), pode-se dizer que a experiência religiosa toqueira é construída de uma forma similar à que uma colcha de retalho é costurada. Buscando unir pedaços segmentados, sujeitos fragmentados em torno de uma mesma noção que aspira constituir e configurar um mesmo grupo sob mesmos valores.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBOSA, Maria Ligia de Oliveira; QUINTANEIRO, Tania. Max Weber. In QUINTANEIRO, T. et al. **Um toque de clássicos: Marx, Durkheim e Weber**. 2 ed. Belo Horizonte; Editora UFMG, 2002.

BAUMAN, Zygmunt. **Comunidade: a busca por segurança no mundo atual**; tradução Plínio Dentzien. — Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Tradução, Plínio Dentzien Rio de Janeiro. ZAHAR. 2005

BAXANDALL, Michael. **O olhar renascente: pintura e experiência social na Itália da Renascença**. Tradução: Maria Cecília Preto da Rocha de Almeida. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1991.

BERGER, Peter. A dessecularização do Mundo: uma visão global. In **Religião e Sociedade**, Rio de Janeiro: ISER,. 2001 p.09-23

BOURDIEU, Pierre. O campo Científico. in **Sociologia**. Grandes Cientistas Sociais. São Paulo: Ática, 1983

BRAGA, Antônio Mendes da Costa. Catolicização do cotidiano, cotidianização do catolicismo: Mídia, novas práticas religiosas e individualidade entre telespectadores e ouvintes da rádio e TV católica Canção Nova. **Numen: revista de estudos e pesquisa da religião**. Juiz de Fora. V. 8, n. 2, 2010. p. 61-78

BRITTO, Jacqueline. A experiência de antropologia visual em uma casa de batuque em Porto Alegre. **Horizontes Antropológicos**. Porto Alegre. 1995.

CAMURÇA, Marcelo Ayres Lima. Tradicionalismo e catolicismo de comunicação de massa: o catolicismo midiático. In. CARRANZA, B. et al. **Novas comunidades católicas: em busca do espaço pós-moderno**. 2 ed. Aparecida, São Paulo. Ideias & Letras 2009. p. 59-105

CARVALHO FILHO, Juarez Lopes. C. Erving Goffman (1922-1982). In. TELLES, S. S; OLIVEIRA, S, L (org). **Os sociólogos: clássicos das Ciências Sociais**. Petrópolis/ Rio de Janeiro. Vozes, 2018. p. 252-269

CLIFFORD, James. Sobre a autoridade etnográfica”. In: CLIFFORD, James. **A experiência etnográfica: antropologia e literatura no século XX**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2002. p. 17-62

COSTA, Cristina. Sociologia Alemã: a contribuição de Max Weber. In COSTA, Cristina. **Sociologia: Introdução à ciência da sociedade**. 2. ed; São Paulo. Moderna, 1997. p.70-82

DEL ROIO, José Luiz. **Igreja medieval- a cristandade latina**. SãoPaulo. Editora Ática. 1997

DUARTE, Luiz Fernando Dias; GIUMBELLI, Emerson. As concepções cristã e moderna da pessoa: paradoxo de uma continuidade. **Anuário Antropológico**. v. 93. 1995. p. 77-111.

ELIADE, Mircea. **O SAGRADO E O PROFANO**. Tradução de Rogério Fernandes. Martins Fontes, São Paulo, 1992.

ERIKSEN, Thomas Hylland; NIELSEN, Finn Sivert. **História da Antropologia**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

FERNANDES, Silvia Regia Alves. Entre tensões e escolhas, um olhar sociológico sobre jovens na vida religiosa. **Revista Sociedade e Estado**, São Paulo, v. 26, n. 3, dez. 2011. p.663-683,

GIDDENS, Anthony. A vida em uma sociedade pós-tradicional. in BECK, Ulrich. **Modernização reflexiva: política, tradição e estética na ordem social moderna**. São Paulo. Editora UNESP. 1997.

GIDDENS, Anthony; SUTTON, Philip W. **Conceitos essenciais da sociologia**; Tradução: Claudia Freire. – 1. ed. – São Paulo: Editora Unesp Digital, 2017

GIUMBELLI, Emerson. Para além do trabalho de campo: reflexões supostamente malinowskianas. **RBCS** Vol. 17 n48. São Paulo 2002.

GOFFMAN. Erving. **Manicômios, prisões e conventos**. São Paulo: Perspectiva, 2010

LATOUR, Bruno. **Reagregando o Social: Uma introdução à teoria do Ator- Rede**. EDUSC. Bauru, 2012.

LE GOFF, Jacques. **São Francisco de Assis**. Tradução: Marcos de Castro. Rio de Janeiro. Editora Record. 2001

LOPES, J. R. **A imagética da devoção: A Iconografia Popular como Mediação entre a Consciência da Realidade e o Ethos Religioso**. Porto Alegre; Editora da UFRGS, 2010.

LÖWY, Michael. Sobre o conceito de "afinidade eletiva" em Max Weber. Tradução: Lucas Amaral de Oliveira e Mariana Toledo Ferreira. **Pural**. São Paulo. v.17. 2011. p.129-142.

MARIZ, Cecília Loreto. A Renovação Carismática Católica: Uma igreja dentro da Igreja?. **Civitas**, Porto Alegre, v. 3, n. 1, jun. 2003. p.169-186

MARIZ, Cecília Loreto. Comunidades de Vida no Espírito Santo: juventude e religião In: **Tempo Social** vol. 17 n.o 2 – São Paulo, 2005. p.253-273

MARIZ, Cecília Loreto. A Toca de Assis em crise: uma análise dos discursos dos que permaneceram na comunidade. In: **Religião e Sociedade**, Vol 33 nº 02. Rio de Janeiro, 2013. p. 141-173

MARTINS, José Souza. **Sociologia da Fotografia e da Imagem**. Contexto. São Paulo. 2009

MENEZES, Renata de Castro. **A DINÂMICA DO SAGRADO: Rituais, Sociabilidade e Santidade em um convento do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro; Relume Dumará: Núcleo de Antropologia da Política/ UFRJ, 2004.

PEIRANO, Mariza Gomes e Souza. Os antropólogos e suas linhagens. In **Revista Brasileira de Ciências Sociais**. N. 16. Rio de Janeiro. Julho/ 1991. p. 43-50

PINTO, Flávia Slompo. **A loucura da cruz: sobre corpos e palavras na Toca de Assis**. 2012. 166 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Ciências Sociais, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade de Campinas, Campinas, 2012.

PINTO, Flávia Slompo. Territórios religiosos: uso dos corpos e do espaço público em uma experiência de catolicismo na metrópole, 05/2009, IV Seminário Estadual de Estudos Territoriais (IV SEET) e II Seminário Nacional sobre Múltiplas Territorialidades (II SNMT), Vol. 1, pp.1-3, Francisco Beltrão, PR, Brasil, 2009.

PORTELLA, Rodrigo. Toca de Assis e Juventude: uma surpreendente identidade católica contemporânea. **Caminhos**. v. 5, n. 1. Goiânia, 2007. p. 179-199.

PORTELLA, Rodrigo. Medievais e pós-modernos: a Toca de Assis e as novas sensibilidades católicas juvenis. In: CARRANZA, B (coordenadora) et al. **Novas Comunidades Católicas: em busca do espaço pós-moderno**. Ideias e Letras. Aparecida/ SP, 2009. p.171-194

PORTELLA, Rodrigo. Tramas da identidade: vocação e reconversão na Toca de Assis. **Estudos de Religião**.v. 25. São Paulo 2011. p. 97-112

PORTELLA, Rodrigo. Juventude e experiências religiosas radicais: o caso da renúncia ao mundo e da pobreza. Religião, Carisma e Poder: as formas da vida religiosa no Brasil. XIII Simpósio Nacional da ABHR ...**Anais** .São Luís, Maranhão. 2012.

PORTELLA, Rodrigo. Seguir e servir a Cristo pobre: juventude, ideais e renúncias na Toca de Assis. **Horizonte**, v. 10, n. 26 Belo Horizonte, 2012, p. 456-475

PORTELLA, Rodrigo. Memória, indivíduo e religião: pressupostos para a pesquisa sobre religião no tempo presente. **Rever**. Nº 1. São Paulo, 2018. p.195-208

PREFEITURA DE LONDRINA. Londrina em dados 2019 (ano base 2018). Disponível em <http://www.londrina.pr.gov.br/index.php/londrina-em-dados-2018-ano-base-2017> Acessado em 21 out 2020

ROSENDAHL, Zeny. **A identidade religiosa na perspectiva geográfica: Os lugares sagrados**. Ed. Civitas. Franca, 2008.

RODRIGUES, Anderson. **Rupturas e Continuidades: o ajuste da Tradição na experiência religiosa na Toca de Assis**. 2017. 82f. Monografia (Graduação). Faculdade de Filosofia e Ciências de Marília, Marília, 2017.

ROSA, Patrícia Cristina de Oliveira. **AS FILHAS DA IRMÃ LUA: Etnografia de um mosteiro de monjas Clarissas enclausuradas**. 2016. Dissertação (Mestrado)- Curso de Ciências Sociais, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2016.

SECRETARIA MUNICIPAL DE PLANEJAMENTO, ORÇAMENTO E TECNOLOGIA. **Guia do Investidor 2019**. Londrina/ Paraná. 2019

SILVEIRA, Flávio Leonel. Abreu da; LIMA FILHO, Manuel Ferreira. Por uma antropologia do objeto documental: entre a “a alma nas coisas” e a coisificação do objeto. Porto Alegre, 2005. **Horizontes Antropológicos**, ano 11, n. 23, p. 37-50.

SOCIALBAKERS. **Most Important Social Media Trends to Remember in 2019**. Praga, 2020.

SOUZA, Bianca Gonçalves. **A documentação da fé: fluxos, apropriações e enquadramento de objetos votivos no Santuário Nacional de Aparecida**. Tese (doutorado)- Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Filosofia e Ciência de Marília. Marília, 2012.

TOCA DE ASSIS. Vocações e suas dimensões. Disponível em <https://tocadeassisirmas.org.br/vocacao-e-suas-dimensoes/>. Acessado em 21 out 2020

WEBER, Max. A Psicologia Social das Religiões Mundiais. **In Ensaios de Sociologia**. Rio de Janeiro: Ed. Guanabara Koogan. 1982.